



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Lauro da Silva Barbosa

**A maternidade na psicose**

Rio de Janeiro

2013

Lauro da Silva Barbosa

## **A maternidade na psicose**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sonia Alberti

Rio de Janeiro

2013

Lauro da Silva Barbosa

## **A maternidade na psicose**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Profª Drª Sonia Alberti (Orientadora)  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Profª Drª Rita Maria Manso de Barros  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Profª Drª Vera Pollo  
Universidade Veiga de Almeida

## **Agradecimentos**

Em especial à Sonia Alberti, pela fundamental supervisão e orientação. Seus conhecimentos acerca da obra de Sigmund Freud e do ensino de Jacques Lacan, assim como suas observações, foram essenciais para a realização desta pesquisa.

Aos professores e colegas deste curso de mestrado da UERJ, pela complementação e apoio neste trabalho.

A Paulo Osman Barbosa e à Fátima Barbosa, que me acompanharam com respeito, amor e carinho.

*“Pode-se certamente dizer que a psicose é uma espécie de falência na realização daquilo que se chama de amor”.*

*Jacques Lacan*

## RESUMO

BARBOSA, Lauro da Silva. A maternidade na psicose. 2013. 71f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

A partir das considerações teóricas de Sigmund Freud e Jacques Lacan a respeito da maternidade e da psicose, este trabalho busca realizar um estudo sobre a maternidade na psicose através da experiência psicanalítica. Se a falta de referência simbólica ao falo, decorrente da forclusão do significante Nome-do-Pai, compromete o reconhecimento da diferença sexual, assim como a resposta do sujeito no nível da paternidade e da maternidade, a nossa pesquisa questiona: o que é um filho para uma mãe psicótica? Na neurose, a tese freudiana da equação simbólica falo-filho e a hipótese criada através das fórmulas da sexuação de Lacan – segundo a qual a mulher enquanto mãe, localiza-se do lado homem, regido pelo falo, lugar do sujeito do desejo –, nos leva a considerar uma estreita relação entre maternidade e atribuição fálica. Entretanto, quando interrogamos como uma psicótica, *fora-da-norma-fálica*, viveria a maternidade, observamos um dado novo. A investigação convoca a comunidade analítica ao debate de uma outra modalidade de exercício da maternidade, distinta da tese freudiana falo-filho.

Palavras-chave: Psicose. Forclusão. Maternidade. Falo.

## ABSTRACT

From theoretical considerations of Sigmund Freud and Jacques Lacan about motherhood and psychosis, this research performs a study of the maternity in psychosis, through the psychoanalytic experience. If the fail of symbolic reference to the phallus, due to the foreclosure of the signifier *Nom-du-Père*, compromises the admission of sexual difference, as well as the response of the subject at the level of fatherhood and motherhood, our research questions: what is a son for a psychotic mother?. In neurosis, the freudian thesis of symbolic equation phallus-child and the hypothesis created through the lacanian recipe of sexualisation – the woman as mother, is located beside the man, regulated by the phallus, place of the subject of desire - leads us to consider a close relationship between motherhood and assignment phallic. However, when we questioned how a psychotic, out-of-standard-phallic, live motherhood, we observed something new. The investigation invites the analytical community to debate another modality of motherhood, distinct from the Freudian thesis phallus-child.

Keywords: Psychosis. Foreclosure. Motherhood. Phallus.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>09</b>
<b>I. O inconsciente e a sexualidade</b>	<b>17</b>
1. A sexualidade infantil	18
2. A função do significante no inconsciente	27
3. O enigma da feminilidade	34
<b>II. O inconsciente a céu aberto</b>	<b>38</b>
1. <i>Verwerfung</i>	40
2. A zerificação da referência simbólica ao falo	45
3. Desfusão de pulsões	47
<b>III. A maternidade na psicose</b>	<b>51</b>
1. O diagnóstico de psicose puerperal	52
2. Schreber e a questão da procriação feminina	55
3. O caso Ane	56
4. O caso Aimée e o gozo do materno	59
<b>Considerações finais</b>	<b>63</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>66</b>



## Introdução

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud no início do século XX, surge a partir da clínica com as pacientes histéricas ao lançar a suposição do inconsciente enquanto necessária e legítima: necessária porque “os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas” (FREUD, 1915a/1992, p. 163); e legítima devido “uma investigação analítica revelar alguns desses processos latentes como possuidores de características que parecem estranhas a nós, ou mesmo incríveis, e que vão diretamente de encontro aos atributos da consciência que nos são familiares” (FREUD, 1915a/1992, p. 166).

A teoria freudiana do inconsciente introduz a noção de que nem sempre a razão governa as ações humanas, pois “a psicanálise nos lembra que a psicologia humana pertence a uma outra dimensão. Para manter essa dimensão, a via filosófica teria bastado, mas ela se mostrou insuficiente para isto por lhe faltar uma definição suficiente do inconsciente” (LACAN, 1964/2008, p. 202). Tal *descoberta* ficou reconhecida como a terceira ferida narcísica do homem<sup>1</sup> (GAARDER, 1995). Lacan (1955-56/2002, p.275) dirá: “a última palavra da antropologia freudiana concerne ao que possui o homem e faz, dele, não o suporte de um irracional – o freudismo não é um irracionalismo, ao contrário – mas suporte de uma razão da qual ele é mais vítima do que o senhor, e pela qual ele é de antemão condenado”. Como nos lembra Coutinho Jorge (2008, p. 11), ao comentar Freud e Lacan, “o inconsciente é a verdadeira doença mental do homem”.

A experiência psicanalítica amplia as diversas concepções baseadas no racionalismo, desde a filosofia racionalista advinda no século XVII, como o cogito cartesiano – *cogito ergo sum* –, até o Iluminismo, o qual inspirou a Revolução Francesa, serviu de modelo para o liberalismo político e econômico do mundo ocidental nos séculos XIX e XX, e ainda influencia a atual fase do capitalismo. Para além da contribuição de Descartes, “penso, logo sou”, abre-se espaço para uma proposição subversiva: *sou ali onde não penso; penso ali onde não sou*. Desenvolve-se a ideia da existência de uma *Outra cena* no próprio ser humano, onde guarda consigo aspectos negados e desconhecidos – o *estranho*.

---

<sup>1</sup> Nicolau Copérnico (1470 - 1543) anuncia que a terra não é o centro do universo, trata-se de um dos vários planetas que giram em torno do sol; Charles Darwin (1809 - 1882) propõe a teoria da evolução, expondo que o homem seria descendente, não de algo divino, mas dos macacos; e Sigmund Freud (1856 – 1939), através da teoria do inconsciente, revela que 'não se é senhor na própria casa'.

Como é possível *pensar ali onde não sou*? O que parece contraditório e, até mesmo, paradoxal nesse desenvolvimento não deveria nos assustar tanto. É certo que a concepção do inconsciente afasta-se da lógica aristotélica<sup>2</sup>, no entanto, as contradições e paradoxos são inerentes aos diversos ramos de pesquisa. Como demonstração, pensemos rapidamente sobre a luz na física. Se pensarmos com o físico holandês Christiaan Huygens (1629–1695), de acordo com a sua teoria ondulatória da luz (HUYGENS, 1690), saberemos que a luz é uma onda, comprovado posteriormente pelo experimento da *dupla fenda* de Thomas Young (1773–1829), físico britânico. Porém, a concepção ondulatória da luz não conseguia explicar certos fenômenos, como o efeito fotoelétrico: quando se emite luz contra alguns metais, observa-se que a superfície deles libera elétrons. O físico alemão Albert Einstein (1896–1933), então, provou que se considerarmos a luz também como feita de partículas, o efeito fotoelétrico é explicado (STACHEL, 2001). A física, ao comprovar que a luz é simultaneamente onda (vibração) e partícula (matéria) revela uma ambiguidade absurda e incoerente. Eis uma prova de que os paradoxos também fazem parte da natureza.

O conceito freudiano, portanto, descentraliza o homem de sua razão, basta que se atente para *a psicopatologia da vida cotidiana*, pois o sujeito psicanalítico, uma vez que “não pode apreender seu ser, porque este ser está sempre alhures” (MAURANO, 2001, p.24), é o sujeito do inconsciente.

Apesar de a teoria psicanalítica ser construída a partir da clínica com neuróticos, Freud publicou artigos sobre a psicose, assim como atendeu alguns psicóticos, mesmo não aconselhando o atendimento desses pacientes pela sua técnica. O fato é que ele inaugura uma investigação sobre o tema. No *Rascunho H*, ao averiguar a importância do delírio para o paranoico, ele estipula as pontuações iniciais para a criação de uma teoria das psicoses: “a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que o eu se defende de alguma outra ideia intoleravelmente penosa. Assim, [essas pessoas] amam seus delírios como a si mesmas. É esse o segredo” (FREUD, 1895a/1992, p. 251). Uma de suas contribuições fundamentais foi esclarecer que “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, a reconstrução” (FREUD, 1911/1992, p. 65).

---

<sup>2</sup> Desde o século IV a.C., a sociedade ocidental tem como referência a lógica aristotélica (Aristóteles 382 a.C. - 322 a.C.), baseada em três princípios básicos: o da identidade, em que cada coisa é o que é; o da não-contradição, onde um pensamento não pode ser ao mesmo tempo verdadeiro e falso; e o do terceiro excluído, em que uma ideia ou é verdadeira ou é falsa, uma coisa ou é ou não é, não existindo uma terceira possibilidade.

Jacques Lacan, com o seu “retorno a Freud”, torna possível pensar a psicose enquanto estrutura clínica originalmente diferente da neurose e da perversão: “é num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1957-58/1998, p. 582).

Nesse retorno, ele verifica que no primeiro tempo do complexo de Édipo ou há *Bejahung* ou há *Verwerfung*. O primeiro termo conduz ao segundo tempo do Édipo, concernente à divisão do campo das neuroses (*Verdrängung*) e das perversões (*Verleugnung*). Já o segundo, o conceito de *Verwerfung*, – ou Forclusão, segundo a tradução lacaniana do termo – a teoria psicanalítica, de Freud a Lacan, lhe atribui o estatuto de mecanismo específico da psicose, designando que não só o significante edípico, o Nome-do-Pai, não está inscrito no simbólico, como também, e em consequência, o significante fálico.

É graças a este trabalho que “o conceito de psicose, pela primeira vez desde Feuchtersleben<sup>3</sup>, recebeu um significado rigoroso” (MALEVAL, 2009, p. 276), permitindo diferenciarmos o campo das psicoses do das neuroses, e definirmos as consequências às quais o sujeito psicótico está exposto. Como bem pontua Alberti (1999, p.08), nessa estrutura, “a fala do Outro é uma ordem, exigência – assim como sua presença – da qual o sujeito não pode escapar, não cabendo lugar para uma fala que o sustentaria como desejante”. Tal condição – ao contrário da neurose, em que o significante Nome-do-Pai possibilita para o sujeito a metaforização do desejo do Outro e o abandono da posição de objeto, advindo um sujeito do desejo – faz do psicótico, quando desencadeada a psicose, uma testemunha do inconsciente a céu aberto. O psicótico é um “mártir do inconsciente” (LACAN, 1955-56/2002, p. 153).

Pelo fato de o complexo de Édipo introduzir “o funcionamento do significante como tal na conquista do dito homem ou mulher” (LACAN, 1955-56/2002, p. 221), – pois a função imaginária do falo age como “pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561) – na psicose, a falta de referência ao significante do falo comprometerá o reconhecimento da diferença sexual, assim como, a resposta do sujeito no nível da maternidade e da paternidade.

---

<sup>3</sup> O médico psiquiatra Baron Ernst von Feuchtersleben recebeu o crédito de primeiro autor a utilizar o termo 'psicose' no livro *Os princípios da Psicologia Médica*, de 1845 (BEER, 1996, p. 274).

Encontramos prova disso na literatura psicanalítica. O Presidente Schreber, ainda no período pré-psicótico, é bruscamente invadido por uma imagem, “aquela menos propícia, parece, para entrar no espírito de um homem de sua espécie e de seu estilo, segundo a qual deveria ser belo ser uma mulher sendo copulada” (LACAN, 1955-56/2002, p. 225). Ele vive algo da ordem da perplexidade logo após a indicação para *Senatspräsident*: esse período de confusão incide acerca de seu sexo, demonstrando certa impossibilidade de acesso a algo que possa realizá-lo no tipo viril.

O caso Aimée é outro exemplo interessante. Como constatou Lacan (1932/1987, p. 207) ao adentrar a história clínica de sua paciente, “o papel dos estados puerperais é clinicamente manifesto e parece ter sido desencadeante. Às duas gestações corresponderam os dois surtos iniciais do delírio”. Quando dá luz a uma menina natimorta, por conta de uma asfixia circular de cordão, uma grande confusão se instala na paciente. Ela atribui a desgraça a seus inimigos. Lacan destaca, neste momento, o início de uma cristalização hostil, pois quando uma amiga íntima da época, *C. de La N.*, telefona pouco após o parto para saber as notícias, Aimée concentra a responsabilidade do acontecido nessa mulher.

Uma segunda gravidez “acarreta a volta de um estado depressivo, de uma ansiedade, de interpretações análogas” (LACAN, 1932/1987, p. 156). Aimée depara-se com a situação de ser mãe levada a bom termo: “ela se dedica à criança com um ardor apaixonado, ninguém mais vai cuidar dela até os cinco meses” (LACAN, 1932/1987, p. 156). No entanto, longe de invocar a simpatia que uma mãe desperta ao defender seu filho, ela passa a manter com seu bebê uma relação particular.

Durante a amamentação, ela se torna mais interpretante e hostil. “Todos ameaçam seu filho. Ela provoca um incidente com motoristas que teriam passado perto demais do carrinho do bebê. Causa diversos escândalos com os vizinhos. Ela quer levar o caso à justiça” (LACAN, 1932/1987, p. 157). A situação culmina em a criança ser encontrada “ora empanturrada, ora esquecida pela mãe, por exemplo, lambendo graxa de seu carrinho” (MELO, 2002, p. 108). Desse modo, a paciente mantém uma relação tão particular com o seu filho, – em temor perpétuo e iminente do atentado o qual iria atingi-lo – que a sua família e o seu marido precisaram intervir para proteger a criança da loucura de sua mãe. Decidem interná-la em um asilo particular.

Os exemplos clássicos de Schreber e Aimée nos mostram questões sobre a sexualidade na psicose. Na nossa experiência clínica com pacientes psicóticos, encontramos um caso que nos pareceu significativo para a discussão e decisivo para especificar nossa pesquisa em um estudo sobre a maternidade<sup>4</sup> – enquanto envolvimento de uma mulher em sua sexualidade e instauração de um lugar de mãe a ser ocupado mediante a presença de seu filho – na psicose.

Observamos a paciente Ane no serviço de internação da Clínica Psiquiátrica do Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (HCGV) em Belém/PA durante quatro meses. Era uma jovem de 26 anos, solteira, mãe de uma filha (6 anos), havia concluído o ensino fundamental, não trabalhava, ocupava-se com os afazeres domésticos, e morava com seus pais e irmãos.

Ane, grávida de três meses na ocasião, foi levada ao hospital quando manifestou um estado de confusão mental. Segundo o relato dos familiares, a paciente apresentava “fala confusa, comportamentos esquisitos e atitudes agressivas com as pessoas em sua volta” (SIC). Ela havia sido submetida a uma internação psiquiátrica anterior, a qual coincidiu com o período posterior ao nascimento de sua filha. A proximidade com a desorganização vivida pela paciente em sua gestação, fez a família suspeitar de uma nova crise psiquiátrica no início da segunda gravidez e procurar atendimento especializado. De início, os dados nos levaram à hipótese de uma psicose puerperal após a primeira gestação.

Ane permaneceu internada na Psiquiatria durante os seis meses que se seguiram ao encaminhamento da emergência e somente saiu no momento do parto ao serviço de obstetria do mesmo hospital para uma cesariana. Após o parto retornou ao serviço psiquiátrico. No momento do encaminhamento para as entrevistas conosco, nos foi relatado que ela se mostrava totalmente indiferente diante da maternidade. Isso espantava muito a maioria dos profissionais da equipe, comovidos com a ideia de que uma mãe pudesse ser tão indiferente para com um filho. Questionavam-na, com perguntas e afirmativas do tipo: “Mas, e o seu filho?”, “Ane é mamãe!”, “Parabéns!”. Mesmo com tais interrogações e comentários, nos diziam que ela permanecia em silêncio. Finalmente, nos foi dito que certo dia relatou ao seu psiquiatra: “o dia do nascimento do bebê foi o dia da minha morte” (SIC).

Quando nos encontramos com Ane, com hipótese diagnóstica de esquizofrenia, se nos apresentou como sendo a “Xuxa, a rainha dos baixinhos”. Tal identificação não colocava

---

<sup>4</sup> Assunto não todo distante do primeiro exemplo, uma vez que “o fantasma de gravidez e de procriação é dominante na história do presidente Schreber” (LACAN, 1955-56/2008, p. 197).

dúvidas sobre seu estado delirante. De acordo com Freud (1924a/1972), em a *Perda da realidade na neurose e na psicose*, a ideia delirante se substitui à realidade porque esta é tão insuportável que passa a ser negada, então é importante levantar a questão: o que teria sido tão insuportável para Ane a ponto de levá-la a construir um delírio no qual já não é mais ela própria, mas outra: A Mulher (?), rainha dos baixinhos?

Sabemos que Freud, em sua investigação sobre o enigma da feminilidade, ao apontar a montagem da equação simbólica falo-filho, “a menina desliza – ao longo de uma equação simbólica, diríamos – do pênis para um bebê” (FREUD, 1924c/1992, p. 186), nos indica uma relação entre maternidade e atribuição fálica.

Lacan, em *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*, expõe as fórmulas da sexuação, em que o ser falante se inscreve de um lado ou de outro<sup>5</sup>. Do lado homem, “ $\forall x \Phi x$  [para todo x, fi de x], indica que é pela função fálica que o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função  $\Phi x$  é negada,  $\exists x \overline{\Phi x}$  [existe um x para o qual não fi de x]” (LACAN, 1972-73/1985, p. 107). Essa exceção só confirma a regra de que a castração é para todo homem, exceto para o pai, como Freud (1913/1992) já o notara em *Totem e tabu*. Se assim é para todo homem, o é também para a mulher, já que o homem aqui é o ser falante, o homem como o ser humano. No entanto, há outro lado nas fórmulas da sexuação, o lado mulher, em que, conforme dito, não há nenhuma que não seja castrada,  $\overline{\exists x \Phi x}$  [não existe nenhum x para o qual não fi de x], mas ela é não toda referida à função fálica,  $\overline{\forall x \Phi x}$ , razão pela qual terá “a opção de se colocar na  $\Phi x$  ou bem de não estar nela (LACAN, 1972-73/1985, p. 107).

Essa lógica introduz uma distinção, isto é, uma diferença entre homem e mulher. Na medida em que a mulher tem a opção de se colocar na função  $\Phi x$  ou bem de não estar nela, quando se trata da mãe, da mulher como mãe, ela localiza-se no lado homem, regido pela referência ao falo. A significação do filho é fálica na medida em que toda significação é referida ao falo. É evidente que tais concepções não são referentes às psicoses, contudo, se nos interessamos pelas considerações sobre a maternidade em Freud e Lacan é porque objetivamos saber em que o mecanismo da psicose se distingue das formulações citadas, a ponto de gerar pontuações sobre a maternidade em uma perspectiva radicalmente diferente.

<sup>5</sup> “A todo falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade – atributos que restam a determinar – inscrever-se nesta parte [lado mulher]” (LACAN, 1972-73/1985, p. 107).

Entramos no mestrado com o objetivo de estudar as relações entre a maternidade e o desencadeamento da psicose. Sabemos o quanto as discussões sobre o diagnóstico psiquiátrico de psicose puerperal são relevantes e necessárias no meio acadêmico; faz-se necessária uma investigação psicanalítica sobre o tema, principalmente quando observamos a escassez de material sobre o assunto e a relevância de seu estudo. Lacan, ao falar do desencadeamento da psicose, destaca: “que se procure no início da psicose essa conjuntura dramática. Quer ela se apresente, para a mulher que acaba de dar à luz, na figura de seu marido” (LACAN, 1957-58/1998, p. 584).

Em nossa caminhada, para além do que se buscava, – de fato, “os investigadores geralmente encontram mais do que procuram” (FREUD, 1914/1992, p. 16) – detectamos o problema a tratar em nossa pesquisa: uma vez iniciado o estudo, nos pareceu que a temática da psicose puerperal situa-se como *a ponta de um iceberg*, pois, ao aprofundar os dados de Aimée na literatura psicanalítica e alguns fatores demonstrados no caso Ane, averiguamos o quanto as duas, cada uma a sua maneira, expunham, por condições estruturais, uma relação com o filho a qual merece maiores investigações.

Estamos em um campo pouco abordado na Psicanálise. Procuramos nos apoiar solidamente nos fundamentos psicanalíticos de Freud e Lacan, os quais servirão de bússola para o nosso trajeto. De entrada, estipulamos um problema chave para o desenvolvimento da dissertação: a questão que se coloca, então, diz respeito à maternidade na psicose, pois se, como dissemos, o mecanismo específico da psicose implica a forclusão do Nome-do-Pai e a verificação da função fálica, como uma mulher psicótica, “fora-da-norma-fálica” (QUINET, 2001, p. 09) viveria essa maternidade? O que é um filho para uma mãe psicótica?

Para dar conta do nosso problema chave, dividimos o trabalho em três capítulos. Organizamos o texto de tal modo que realizaremos no primeiro capítulo, *O inconsciente e a sexualidade*, uma investigação sobre a inscrição da metáfora paterna e a consequente inserção do sujeito na função fálica, especificando a sua resposta no nível da maternidade<sup>6</sup>. Esse

---

<sup>6</sup> Apesar das críticas de alguns colegas de que seria de maior importância ir direto ao assunto da maternidade na psicose sem se interrogar em alguns aspectos sobre essa função na neurose, estamos certos – inclusive, com Freud (1924d/1992, p. 216): “começa-se a compreender que somente o estudo psicanalítico dos neuróticos pode oferecer uma preparação a um entendimento das psicoses” – de que para abordar a forclusão se faz necessário passar pelos efeitos da função do significante no inconsciente. Essa perspectiva será melhor desenvolvida no início do capítulo 2, O inconsciente a céu aberto.

percurso permite estipularmos no segundo capítulo, *O inconsciente a céu aberto*, a diferença radical da psicose das demais estruturas (neurose e perversão) e às consequências as quais o sujeito psicótico está exposto diante a forclusão do Nome-do-Pai e a zerificação do falo. A falta dessa inscrição compromete o reconhecimento da diferença sexual, acarretando a entrada em jogo de uma outra modalidade de atuação da maternidade, ainda pouco investigada no meio acadêmico e centro de discussão do nosso terceiro capítulo, *A maternidade na psicose*.



## Capítulo I

### O INCONSCIENTE E A SEXUALIDADE

Se o conceito de inconsciente introduz a noção de que nem sempre a razão (clássica ou aristotélica) governa as ações humanas, a descoberta do complexo de Édipo assume um papel chave para a Psicanálise por demonstrar que o inconsciente revela a trama da sexualidade. Desde *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud expõe o quanto os sonhos possuem sentido e realizam desejos, diga-se de passagem, desejos inconscientes de natureza sexual. Quase no final de sua obra, ele destaca o valor desse escrito<sup>7</sup> por nele residir a essência de seu achado. De acordo com a epígrafe do texto, a frase de Virgílio: “*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*”<sup>8</sup>, a interpretação do sonho revela desejos recalcados no aparelho psíquico, que formam uma *outra cena* de desejos inconscientes.

Mas tem mais. Freud detecta não só o fator sexual das representações recalcadas, como também a existência de uma sexualidade infantil, pois “o conjunto de práticas que constituem a sexualidade e dizem respeito à estimulação das zonas erógenas, espalhadas pelo corpo todo, é experimentado desde muito cedo na vida de um ser humano (ALBERTI, 2005, p.345). Essa noção é defendida desde textos iniciais da obra freudiana, como nas *Observações adicionais as neuropsicoses de defesa* (1896): “as ideias obsessivas são, invariavelmente, autoacusações transformadas, que reemergiram do recalçamento e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância” (FREUD, 1896/1992, p. 169), porém, é melhor apresentada em seus *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905).

Com efeito, essa novidade produziu um escândalo na aurora do século XX. Em *A história do movimento psicanalítico* (1914) comenta-se os detalhes e as dificuldades desse percurso. Decidido a seguir, mesmo diante a reprovação de seus colegas e indiferença do seu meio acadêmico, – “Dispus-me a acreditar que tinha tido a sorte de descobrir fatos e ligações

---

<sup>7</sup> Nos últimos anos de sua produção, Freud declara no prólogo à terceira edição inglesa de *A interpretação dos sonhos*: “Este livro contém, ainda de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um *insight* como este acontece a alguém apenas uma vez na vida”.

<sup>8</sup> “Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte”. O Aqueronte, um dos rios do inferno segundo a mitologia antiga, simboliza os deuses infernais.

particularmente importantes, e resolvi aceitar o destino que às vezes acompanha essas descobertas” (FREUD, 1914/1992, p.21) – Freud constrói uma formulação decisiva à constituição da teoria e clínica psicanalítica, a partir da noção de uma sexualidade infantil, descrita na carta a Fliess, de 15 de outubro de 1897:

A lenda grega [Édipo Rei] capta uma compulsão que todos conhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (FREUD apud MASSON, 1986, p. 273).

O complexo de Édipo, reafirmado principalmente no caso Hans em *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), torna inevitável a afirmação da existência da sexualidade infantil e anuncia “uma estrutura segundo a qual se ordena o desejo na medida em que constitui um efeito da relação do ser humano, não com o social, mas com a linguagem” (SAFOUAN, 1970, p. 11). Torna-se fundamental iniciar o nosso trabalho por uma revisão da sexualidade infantil até estabelecer considerações sobre o feminino e a maternidade.

## 1. A sexualidade infantil

Ao nascer, nos deparamos com o que Freud chamou de *desamparo fundamental* (*Hilflosigkeit*), “fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1895b/1992, p. 363). O recém-nascido não só é frágil diante as ameaças decorrentes do mundo, como também possui considerável incapacidade para lidar com as tensões decorrentes de seus estímulos internos. Perante essa condição, torna-se necessária “a intervenção de um adulto próximo (*Nebenmensch*) que perpetre a *ação específica* necessária à sobrevivência do ser humano desamparado”, pois sem o mesmo, “ele não só não se tornará humano como tampouco se manterá vivo” (ELIA, 2007, p.39).

A *mãe* – nome pelo qual optamos chamar ao adulto próximo descrito por Freud – introduz uma ordem simbólica com os seus cuidados, e, através desse amor e desejo materno, o bebê é inserido na linguagem. A intervenção da *mãe* associa-se ao que Lacan chama de *Outro*, entretanto, o termo lacaniano remete “não apenas ao adulto próximo de que fala Freud, mas também a ordem que este adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural” (ELIA, 2007, p. 39).

O *desejo do Outro* vem em resposta à angústia do *desamparo*, e, nesse processo, se instaura a formulação da *vida*, pulsão sexual para a criança. Durante a amamentação, o bebê, para além da necessidade de satisfazer sua fome, também obtém prazer, de modo que mesmo com a fome saciada, ele pode chupar um mamilo falso, seu dedo, isto é, um substituto. A boca configura-se como zona erógena, o que mais tarde, por exemplo, o permite obter prazer no beijo. Por sinal, “o primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca” (FREUD, 1938a/1992, p. 151).

Em *A interpretação dos Sonhos* (1900), Freud averigua o quanto a experiência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*), cujo paradigma é a amamentação, delimita uma separação entre a satisfação da necessidade e a realização de desejo, demarcando uma diferença entre pulsão e instinto, posto que “a obstinada persistência do bebê em sugar dá prova de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se por obter prazer independentemente da nutrição e, portanto, pode ser chamada de sexual” (FREUD, 1938a/1992, p. 152). A pulsão, *Trieb*, é um conceito psicanalítico fundamental, melhor introduzido por Freud nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), e toda sua teoria da sexualidade gira em torno desse conceito. Lacan, em *O Seminário: livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), a anuncia enquanto o quarto conceito essencial à experiência analítica.

A pulsão constitui-se na relação com o Outro, o que faz com que a sexualidade deixe de ser algo da ordem do instinto para ser fruto da relação com o homem. Prova disso é o matema lacaniano da pulsão,  $\$ \diamond D$ , o qual apresenta as relações do sujeito com as demandas, por exemplo: a pulsão oral, de acordo com Alberti (2005, p. 350), “tem o seu protótipo na demanda do sujeito ao Outro ('Mamãe eu quero mamar!', como dita o verso da música de Jararaca, da dupla Jararaca e Ratinho)”; enquanto que “a pulsão anal tem seu protótipo na demanda do Outro para com o sujeito ('vá ao penico e depois me mostre o que fez!')” (ALBERTI, 2005, p. 350). O lugar de dependência da criança a um outro que nomeia e decifra suas necessidades, promove uma marca decisiva para o estabelecimento dos efeitos da linguagem em sua constituição, de modo que se o desejo é do Outro, é justamente pelo fato de o Outro fazer o bebê desejar e repetir a experiência de satisfação.

Tal experiência é citada desde o *Projeto de psicologia* (1895). Como recorda Garcia Rosa (2008, p. 182), “em função do princípio de inércia neurônica, a *Qn* armazenada no núcleo de  $\psi$  manifestará a mesma tendência à descarga motora que os demais neurônios. O

objetivo da descarga é o alívio da tensão em  $\psi$ ". No entanto, Freud (1895b/1992, p. 362) é criterioso ao esclarecer que “nenhuma descarga pode produzir resultado alivante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em  $\psi$ ".

Quando um bebê, com fome, chora e agita seus braços, essa “descarga motora é insuficiente para a eliminação do estímulo endógeno”, pois “o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de  $Q_n$  no interior do corpo” (FREUD, 1895b/1992, p. 362). Essa intervenção requer “a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como *ação específica*, só pode ser promovida de determinadas maneiras” (FREUD, 1895b/1992, p. 362).

É devido ao fato de não ser possível ao bebê realizar a sua alimentação sem o apoio de uma pessoa – “o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa *ação específica*” (FREUD, 1895b/1992, p. 362) – que a *ação específica* se efetua por ajuda alheia. Quando o adulto próximo executa a *ação específica* no mundo externo, o recém-nascido vive uma satisfação que põe fim ao estímulo interno – “a totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação” (FREUD, 1895b/1992, p. 363). A partir de então, ao se repetir uma necessidade, como a da fome utilizada no exemplo acima, ocorrerá também, um impulso psíquico com a finalidade de reproduzir a satisfação original.

A experiência de satisfação, não só adquire “a importantíssima função secundária do comunicação” (FREUD, 1895b/1992, p. 364), mas também, e em consequência, de acordo com o detalhado por Freud em *A interpretação dos sonhos*, revela o quanto, primitivamente, o desejo<sup>9</sup> estava ligado à alucinação já que “o primeiro desejar parece ter consistido em um investimento alucinatório da lembrança da satisfação” (FREUD, 1900/1992, p. 588).

Em detalhes, a experiência de satisfação é “uma percepção específica cuja imagem mnêmica fica associada ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade” (FREUD, 1900/1992, p. 557). Despertada novamente essa necessidade, “surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação primeira” (FREUD, 1900/1992, p.

---

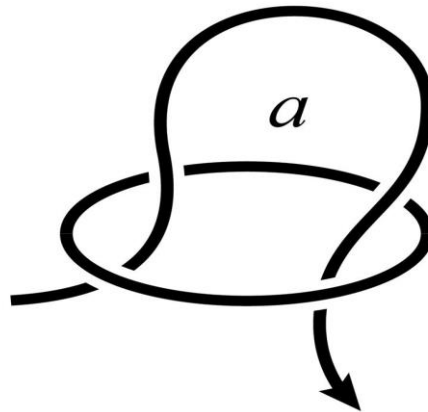
<sup>9</sup> Freud emprega o termo *Wunsch*, enquanto uma moção psíquica na busca de satisfação, para falar sobre a experiência de satisfação, no capítulo 07, item *Sobre a realização de desejos (Zur Wunscherfüllung)*, de *A interpretação dos sonhos*.

557). Um impulso dessa espécie “é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização de desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para um completo investimento da percepção” (FREUD, 1900/1992, p. 558). Logo, quando essa primeira atividade psíquica tenta reproduzir algo perceptivamente idêntico ao vivido na satisfação original, Freud presume que “tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido e, portanto, o desejar terminava em um alucinar” (FREUD, 1900/1992, p. 558).

Os sonhos, enquanto realização de desejos, concedem uma “amostra do método primário de funcionamento do aparelho psíquico, método este que foi abandonado por ser ineficaz” (FREUD, 1900/1992, p. 559). O caráter alucinatorio do desejo, esse processo primário, dará lugar para uma atividade mais elaborada através dos signos da realidade (*Realitätszeichen*), processo secundário em que seja possível discernir entre o objeto alucinado e o objeto percebido.

Vale ressaltar o quanto os métodos de funcionamento primitivo do aparelho psíquico “voltam a tornar-se atuais na psicose e revelam sua incapacidade de satisfazer nossas necessidades em relação ao mundo exterior” (FREUD, 1900/1992, p. 559), posto que “essas alucinações, não podendo ser mantidas até o esgotamento, mostraram-se insuficientes para promover a cessação da necessidade, ou, por conseguinte, o prazer ligado à satisfação” (FREUD, 1900/1992, p. 588).

Recordemos aqui que a satisfação jamais é realizada, mesmo quando a necessidade é satisfeita, posto que “se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão” (LACAN, 1964/2008, p. 165). Não há um objeto específico para satisfazê-la. Sua satisfação será parcial, o que implica no seu infundável retorno, tal como exposto no circuito da pulsão por Lacan (1964/2008, p. 175):



Freud nos indica a importância de distinguir quatro elementos na pulsão. Começamos pela força, *Drang*. É uma pressão interna, uma tendência à descarga, pois “a característica de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões; é de fato, a sua própria essência” (FREUD, 1915b/1992, p. 117). Essa força constante, *konstante Kraft*, “não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, não tem subida nem descida” (Lacan, 1964/2008, p.163).

O objeto, *Objekt*, é “a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade” (FREUD, 1915b/1992, p. 118). Trata-se do mais variável na pulsão, e lhe é destinado por ser adequado a tornar possível a satisfação. “Ele não tem nenhuma importância; é totalmente indiferente” (LACAN, 1964/2008, p.165/166).

A fonte, *Quelle*, segundo Freud (1915b/1992, p. 118), é “o processo somático que ocorre em um órgão ou parte de um corpo, e cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão”. Lacan (1964/2008, p. 166) frisa que “se quiséssemos fazer retornar a regulação vital na função da pulsão, a gente se diria certamente que é aí que está a tendência”.

O alvo, *Ziel*, está ligado a sua satisfação. No circuito pulsional, o alvo pode ser atingido, a satisfação, porém, é sempre parcial pelo fato de que “algo na natureza da própria pulsão sexual seja desfavorável à realização da satisfação completa” (FREUD, 1912a/1992, p. 182). Como destaca Lacan (1964/2008, p.164), “apercebemo-nos de que entra em jogo algo de novo – a categoria do impossível”. Aqui, o real, ao considerá-lo como o impossível, aparece enquanto obstáculo ao princípio do prazer: “o real se distingue por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível” (Lacan, 1964/2008, p. 165).

De acordo com Quinet (2002, p. 81), a satisfação da pulsão “é paradoxal, pois ela exige uma satisfação constante, o que é impossível devido ao objeto perdido”, pois “o objeto que daria a satisfação à pulsão, o que Freud chama de *das Ding*, não existe” (COUTINHO JORGE, 2003, p. 31). Se na experiência de satisfação inaugura-se um *processo primário*, regido pelo princípio do prazer, para repetir alucinatoriamente a primeira satisfação, “a atividade humana acha-se submetida à tendência para encontrar a mesma coisa sob a forma da identidade de percepção” (SAFOUAN, 1970, p. 25). Todavia, tal tendência “está condenada a sempre perder tal coisa, já que o que é alucinado na consciência nunca é aquilo que constitui a representação do desejo, embora permita inferi-la” (SAFOUAN, 1970, p. 25).

A coisa, *das Ding*, ocupa lugar predominante por ser “sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação ao mundo dos desejos do sujeito” (LACAN, 1959-60/2008, p. 67). Trata-se do “Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar” (LACAN, 1959-60/2008, p. 68), isto é, um “objeto fundamentalmente perdido, cuja perda é sinônimo de sua própria objetividade” (SAFOUAN, 1977, p. 125). O *Ding* é “originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*”. (LACAN, 1959-60/2008, p. 67). No final das contas, “se o fim da *ação específica* que visa à experiência de satisfação é o de reproduzir o estado inicial, de reencontrar *das Ding*” (LACAN 1959-60/2008, p. 69). O que se trata de encontrar não pode ser reencontrado, por ser “fora-do-significado” (LACAN, 1959-60/2008, p. 70).

Como dizer melhor o fora-do-significado? No primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem* (1943), a personagem Joana questiona-se: “sem viver coisas eu não encontrarei a vida, pois?” Em seguida, conclui: “Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são as verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome”. O desejo que *ainda não tem nome* representa, talvez, o que *ainda* não cessa de não se escrever do desejo de Joana. “Reencontramo-lo no máximo como saudade”, complementamos com Lacan (1959-60/2008, p. 69), bem expressado no último romance de Lispector (1977/1999, p. 68), pela personagem Angela: “eu sou nostálgica demais, pareço ter perdido alguma coisa não se sabe onde ou quando”. Temos, a saber, a relação entre pulsão e real, na medida em que constata-se a falta real do objeto de satisfação.

A pulsão oral, por exemplo, “se encontra, em último termo, numa situação em que ela não faz outra coisa senão encomendar o menu” (LACAN, 1964/2008, p. 165). Na amamentação, o seio, “na sua função de objeto, de objeto *a* causa do desejo, tal como eu trago sua noção – devemos dar uma função tal que pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula nos parece ser esta – que a pulsão o contorna” (LACAN, 1964/2008, p.166). A referência à pulsão oral e ao seio enquanto objeto *a*, nos convida a sublinhar uma relação entre *das Ding* e pulsão:

As pulsões são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido (LACAN, 1964/1998, p. 867).

Por conseguinte, no encontro com o Outro, não só constitui-se a pulsão, como também se dá o “*vel* da primeira operação essencial em que se funda o sujeito”: *a alienação*. Trata-se de uma condição para a constituição do sujeito, na medida em que “o sujeito está condenado a só se ver surgir *in initio* no campo do Outro” (LACAN, 1964/2008, p. 205). Diga-se de passagem, “a relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, na medida em que o Outro é o fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética” (LACAN, 1957-58/1999, p. 145).

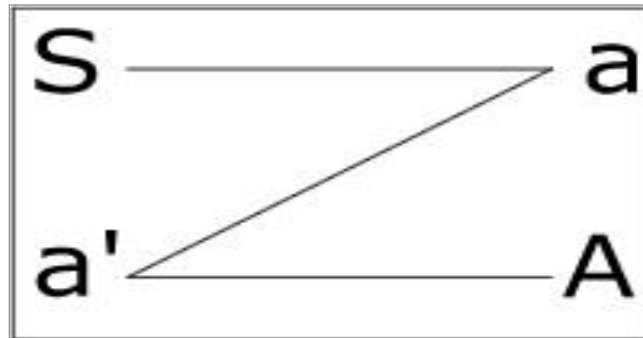
Uma vez que o sujeito “aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise*” (LACAN, 1964/2008, p. 206), pois o retorno do *vel* da alienação é a operação da separação – divisão do sujeito. Assim, “pela separação o sujeito acha o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante”. Dessa forma, “é no intervalo entre dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro” (LACAN, 1964/2008, p. 213). A separação depende, portanto, da inscrição do significante Nome-do-Pai.

Eis um momento constituinte, senão um *sucesso*, para o sujeito. Entretanto, “um sucesso alcançado ao preço de uma fenda, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa” (FREUD, 1938b/1992, p. 275). Pollo (2006, p. 50) dirá: “não há outro modo do sujeito se constituir, senão dividindo-se em realidades que jamais se encontram”, pois “sendo caracteristicamente um mecanismo de defesa, a fenda engendra sua própria repetição”. Nessa separação aparece a condição essencial da psicose, diferenciando-a da neurose e da perversão,



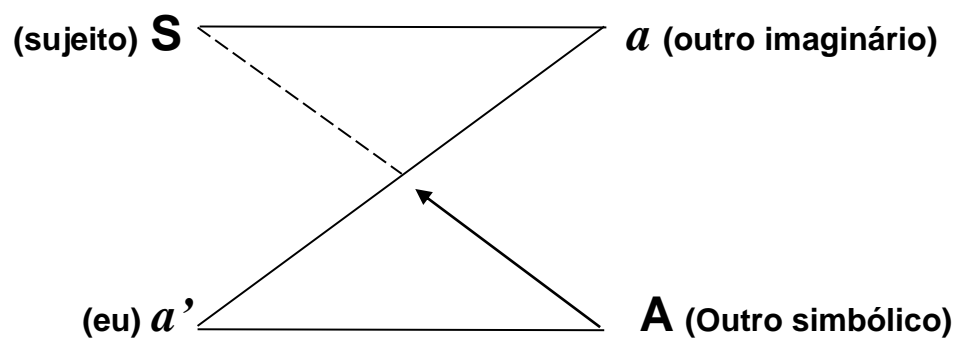
devido à forclusão do significante Nome-do-Pai, e conseqüentemente, constitui-se um sujeito totalmente peculiar, inclusive quanto as suas defesas, posto que a posição de objeto não decai.

O *Esquema L* de Lacan articula a relação do sujeito com o Outro, no qual o estado do sujeito *S* (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro (*A*). Nesse momento, Lacan utiliza letras maiúsculas para o campo do simbólico e letras minúsculas para o campo do imaginário. *S* é o sujeito em sua “estúpida e infável existência” (LACAN, 1957-58/1998, p. 555); *a*, seus objetos; *a'*, seu eu; e *A*, o campo do Outro, de onde lhe pode ser “formulada a questão de sua existência” (LACAN, 1957-58/1998, p. 555).



(Lacan, 1957-58/1998, p. 555)

De *a* à *a'*, temos o eixo imaginário. O *A*, tesouro dos significantes, determina *S*, como o próprio inconsciente. Apesar de ser fundamental pois detém os significantes, é absoluta alteridade: *ein anderer Schauplatz*. O eixo imaginário se sustenta no *A* porque não há imaginário sem simbólico, no entanto, também “constitui uma barreira para a Outra cena” (QUINET, 2012, p. 16):



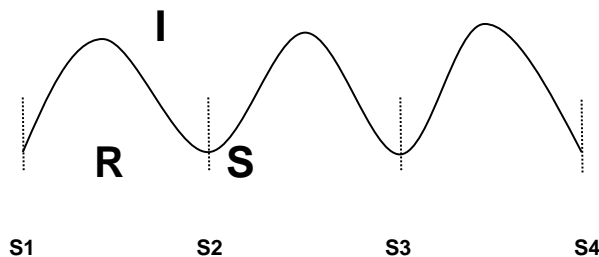
O *a* é o outro no qual nos espelhamos. Olhamos para o outro, e a partir desse olhar nos vemos. Eu é *a'*. Sou decorrente dessa imagem da qual vejo no espelho. Na relação especular, não entra a diferença. Só posso me direcionar ao outro como um mais ou um menos. A diferença só existe no simbólico. Quando não se pode ser diferente, se é melhor ou pior, maior ou menor.

Se não há sujeito sem Outro, é por isso que o desejo é decorrente do desejo do Outro. Mas para desejar é preciso atravessar o complexo de Édipo. O sujeito, que era objeto de investimento da mãe (DM/x), pela intervenção do Nome-do-Pai no Outro, torna-se sujeito do desejo. Não há nada desse sujeito que não seja aquilo que ele é no desejo da mãe. Quando o pai entra na história, ele barra o desejo da mãe, metaforiza-o. Ao barrar o Outro primordial, faz cair o objeto, que é a satisfação com a mãe, como vimos no complexo de Édipo. No entanto, esse processo não é para todos. Trataremos desse caso no próximo capítulo. É fundamental considerar que a imagem se faz a partir da associação de significantes, pois na psicose o processo será diferente.

De acordo com Alberti (2011), entre os significantes há um vazio:



Construímos uma ponte que nos permita não cair no vazio. Ponte essa, que vela esse buraco e só existe porque há esse vazio:



No *esquema L*, nem o sujeito nem o Outro são barrados, servindo para a psicose e neurose, com a diferença que na psicose o eixo imaginário pode falhar. Daí, propõe-se o *esquema R* para a neurose e o *esquema I* para a psicose.

## 2. A função do significante no inconsciente

Freud averigua no mito de Édipo o complexo nuclear das neuroses. Temos uma passagem do mito ao complexo, utilizando a tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, – o qual comete o incesto com a mãe e o assassinato do pai – para abordar a sexualidade infantil e revelar dois grandes desejos inconscientes da humanidade presentes no mito: o incesto e o parricídio.

Em seu retorno aos textos freudianos, Lacan desvela no processo do complexo de Édipo, baseado não só na antropologia estrutural de Lévi-Strauss como também na linguística de Saussure e Jakobson, algo de estrutural, não apenas cultural – trajeto que perpassa um caminho do complexo à estrutura, para demonstrar a função do significante no inconsciente.

O complexo de Édipo retrata a estruturação do sujeito, na medida em que a Psicanálise é a descoberta de uma *Outra cena*, o inconsciente, e “de uma dinâmica que se desenvolve nesse lugar, girando toda em torno do complexo de Édipo, mais especialmente do seu momento essencial, a castração” (SAFOUAN, 1970, p. 11).

As três estruturas – neurose, psicose e perversão – dizem respeito ao posicionamento do sujeito frente à castração, e conseqüentemente, para cada estrutura, a castração determina o acesso do sujeito ao mundo simbólico. No cerne da teoria lacaniana, uma vez que a metáfora paterna assume um papel central, pois “falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.” (LACAN, 1957-58, 1999, p. 171), articulam-se dois grandes conceitos referentes à entrada do sujeito no simbólico: o *Nome-do-Pai*, como aquele que significa a Lei e o desejo, visto que “a lei está a serviço do desejo que ela institui pela proibição do incesto” (LACAN, 1964/1998, p. 866); e o *Falo*, o qual a função imaginária representa o “pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561).

Lacan (1957-58/1999, p. 174) enfatiza, de entrada, o fundamento do complexo: “o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto”. Freud percebeu que a “criança retém o mesmo objeto que previamente investiu com sua libido quando estava sendo amamentada e cuidada” (FREUD, 1925b/1992, p. 268). Diante da obtenção de prazer no seio materno, como exposto, a boca torna-se uma zona erógena e a mãe ocupa o lugar central de primeiro objeto de amor, iniciando-se um desejo incestuoso. É compreensível que a mãe, enquanto o adulto próximo a desempenhar a *ação específica* que viabiliza a experiência de satisfação, torne-se o objeto amoroso desse bebê. No entanto, existe a presença de um terceiro nessa relação: o pai.

O pai é, de início, “um rival perturbador” (FREUD, 1925b/1992, p. 268) devido sua função de interditar a mãe. Se o menino encarava “a mãe como sua propriedade”, ele ainda descobre que “ela transferiu seu amor e sua solicitude para o recém-chegado” (FREUD, 1924c/1992, p. 181). O pai “proíbe a mãe; como objeto, ela é dele, não é do filho” (LACAN, 1957-58/1999, p.178), e a mãe inaugura um lugar ao mostrar que seu desejo está alhures. Trata-se da “relação da criança não com a mãe, como se costuma dizer, mas com o desejo da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p. 205). É essencial que “a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho” (LACAN, 1957-58/1999, p. 197).

A relação entre pai e castração é esclarecida por Lacan (1969-70/1992, p. 116-7): o pai real é o agente da castração, aquele pai da horda primitiva, “que goza de todas as mulheres, imaginação inconcebível, posto que é normalmente bem perceptível que já é muito dar conta de uma”. No comentário sobre *Totem e tabu* (1913)<sup>10</sup>, Lacan frisa o quanto Freud faz questão de que a história do assassinato do pai da horda tenha ocorrido. Freud, considerando a hipótese formulada por Charles Darwin sobre o estado primitivo da sociedade humana<sup>11</sup>, observa a contradição sobre o animal totêmico: mesmo sendo vedado matar o animal, a sua morte é causa de grande regozijo; e uma vez morto, se chora a sua morte. Essa ambivalência de emoções, conclui Freud (1913/1992, p. 143), estende-se ao complexo paterno das crianças e, em vários casos, se prolonga na vida adulta: “o animal totêmico é, na verdade, o substituto simbólico do pai”.

O que seria o pai da horda? “Viu-se orangotangos. Mas do pai da horda humana, jamais se viu o menor rastro”, responde Lacan (1969-70/1992, p. 105). O que está em jogo é que “Freud faz questão de que isso seja real” (LACAN, 1969-70/1992, p. 105).

O real é o impossível. Lacan reconhece que a noção de pai real é cientificamente insustentável: “só há um pai real, é o espermatozoide, e até segunda ordem, ninguém jamais pensou em dizer que é filho de tal espermatozoide” (LACAN, 1969-70/1992, p. 120). Aqui, “reconhecemos, com efeito, para além do mito de Édipo, um operador, um operador estrutural, aquele chamado de pai real” (LACAN, 1969-70/1992, p. 116). O pai real, o pai da horda de Freud, faz com que o pai seja imaginado necessariamente como privador: “é

<sup>10</sup> “Não é por predicar o retorno a Freud que eu não posso dizer que *Totem e tabu* é meio torto. É por isso mesmo que temos que retornar a Freud – para perceber que se é assim meio torto, dado que ele era um rapaz que sabia escrever e pensar, isso deve ter alguma razão” (LACAN, 1969-70/1992, p. 104).

<sup>11</sup> Segundo Darwin, em um período remoto, os homens viviam em grupos ou hordas, onde o macho mais velho e forte dominava os outros e impedia a promiscuidade sexual.

surpreendente que reencontremos sem cessar o pai imaginário. É uma dependência necessária, estrutural, de algo que justamente nos escapa, o pai real” (LACAN, 1969-70/1992, p. 121).

Por conseguinte, é “a partir da morte [assassinato] do pai que se edifica a interdição do gozo como primária” (LACAN, 1969-70/1992, p. 113). Logo, “a castração como enunciado de uma interdição só poderia, em todo caso, se fundar num segundo tempo, o do mito do assassinato do pai da horda” (LACAN, 1969-70/1992, p. 118).

O pai morto é o pai simbólico, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei. O significante Nome-do-Pai possui uma formação metafórica, pois – mesmo que a humanidade reconheça o fato que para uma mulher engravidar, “salvo alguma *exceção enigmática*” (LACAN, 1957-58/1998, p. 562), é necessária a conjunção do espermatozoide com o óvulo – nada impede que, pelo contexto simbólico, “a paternidade deixe de ser atribuída ao encontro, pela mulher, de um espírito nesta ou naquela fonte” (LACAN, 1957-58/1998, p. 562).

Segundo Lacan (1957-58/1998, p. 562), “a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai [biológico], mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai”, isto é, o pai simbólico, desde então pai morto, como aquele que significa a Lei. Este significante designa uma posição terceira entre mãe e filho, e através dele torna-se possível dar um sentido ao desejo da mãe.

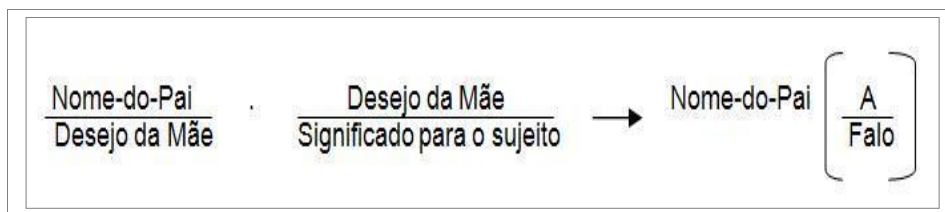
A metáfora paterna – isto é, a substituição do significante do desejo da mãe pelo significante Nome-do-Pai, uma vez que a metáfora é uma substituição de significantes: um significante toma o lugar de outro significante – engendra uma significação fálica, quer dizer, o desejo. Para melhor explicitá-la, apresentamos primeiramente a *fórmula da metáfora*:

$$\frac{\mathbf{S}}{\cancel{\mathbf{S}'}} \cdot \frac{\cancel{\mathbf{S}'}}{\mathbf{x}} \rightarrow \mathbf{S} \left[ \frac{\mathbf{I}}{\mathbf{s}} \right]$$

Aqui, “S são os significantes, x é a significação desconhecida e s é o significado induzido pela metáfora, que consiste na substituição, na cadeia significante, de S’ por S. A elisão de S’, aqui representada por seu risco, é a condição do sucesso da metáfora” (LACAN,

1957-58/1998, p. 563). Por isso, afirmamos que a metáfora é uma substituição significante que resulta na produção de significado, através da substituição de um significante por outro, de modo que o novo significante é uma substituição, resultando no surgimento de diferença.

Lacan dirá que a fórmula da metáfora “se aplica, assim, à metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, à metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (LACAN, 1957-58/1998, p. 563):



No primeiro tempo da fórmula, o desejo materno diz respeito à colocação da criança no lugar de falo imaginário. O falo é a significação, é por onde a linguagem significa, isto é, a significação fálica é representante da relação significante/significado. O significante representa eminentemente o campo do simbólico, e o significado o campo do imaginário. Ser colocado no lugar do falo imaginário da mãe supõe para a criança que o recalque realmente funciona, o Nome-do-Pai teve efeito. A interdição do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai é a condição de sucesso da metáfora paterna.

Lacan (1957-58/1998, p. 697) coloca o falo como “o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”. Equivalente à barra que cai sobre o significado, como razão do desejo, como significante da perda, da falta e do desejo, determinante do efeito chamado a significação fálica. Trata-se então de um significante ímpar, é único, qualificado em *O Seminário, livro 05: As formações do inconsciente*, como “particular”, “pivô”, “carrefour”.

No segundo tempo da fórmula, **A** (Outro) nos lembra que o desejo da mãe foi recalçado graças a entrada do Nome-do-Pai, de agora em diante, o significante associado ao significado para o sujeito sobre o desejo da mãe, ou seja, o Falo. No tempo anterior, o desejo da mãe (**DM**) determinava esse bebê, que era uma incógnita (**x**).

É por meio da metáfora paterna e de seu mecanismo fundamental, o recalque originário, que a criança efetuará uma substituição significativa, colocando um novo no lugar do significante originário do desejo da mãe. À medida que o significante originário é substituído pelo novo, automaticamente ele é recalçado, passando para o inconsciente, o que permite de fato à criança efetivar a renúncia do objeto inaugural de desejo, tornando inconsciente o que antes a significava.

O significante Nome-do-Pai, na constituição do desejo, inscreve o falo no campo do Outro, dando um basta ao incestuoso, barreira ao gozo, isto é, ao atribuir as ausências da mãe ao pai, a criança estará nomeando o pai, primeiro como um objeto fálico rival e depois como aquele que detém o falo. A criança nomeará o pai por aquilo que ela supõe ser o desejo da mãe. O Nome-do-Pai possibilita a metaforização do desejo do Outro e o abandono da posição de objeto, com o advento de um sujeito do desejo. Trata-se de “um significante que representa para a mãe a lei que proíbe que ela possa usar a criança como seu objeto, e, para a criança, que a mãe também está submetida a uma lei que a ultrapassa” (QUINET, 2012, p. 28).

O significante do falo instaura a diferença sexual pelo complexo de castração, tal como acompanhamos na fase fálica, contemporânea ao complexo de Édipo, descrita por Freud, pois “a função do Édipo, como repercutindo diretamente na assunção do sexo, concerne à questão do complexo de castração” (LACAN, 1957-58/1999 p. 172). O Nome-do-Pai surge como significante da relação do Outro (A) com o falo.

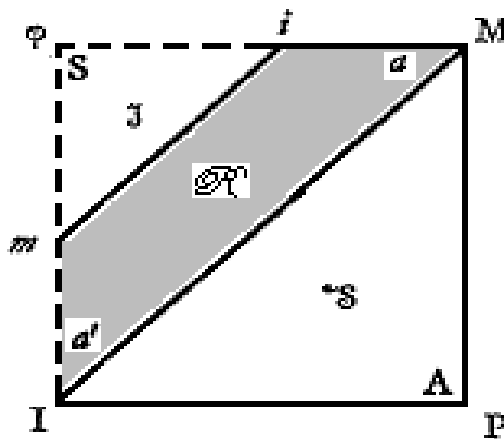
O sucesso da metáfora paterna implica a renúncia à identificação primordial de ser o falo para a posição de ter o falo. É quando a criança deixa de ser o objeto que satisfaz o desejo do Outro e pode, então, mobilizar seu desejo para objetos substitutivos ao objeto perdido.

Na dissolução do complexo, o órgão genital assume um papel principal. Esse órgão é de início apenas o masculino, ou seja, o pênis; o genital feminino permanece irrevelado. Quando o menino volta o seu interesse para o seu órgão genital, ele revela o fato manipulando-o frequentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. Dá-se início à ameaça de castração, tomando efeito maior perante a percepção do órgão genital feminino.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar ao menino o pênis, surge um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira opção e o investimento de objeto é substituído por identificações com o pai. Em aspectos gerais, o

menino encarou a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado. Diante da ameaça de castração, em um embate entre narcisismo e desejo, o menino salva seu eu, abandona a mãe, e então se volta para o pai como preferido à mãe.

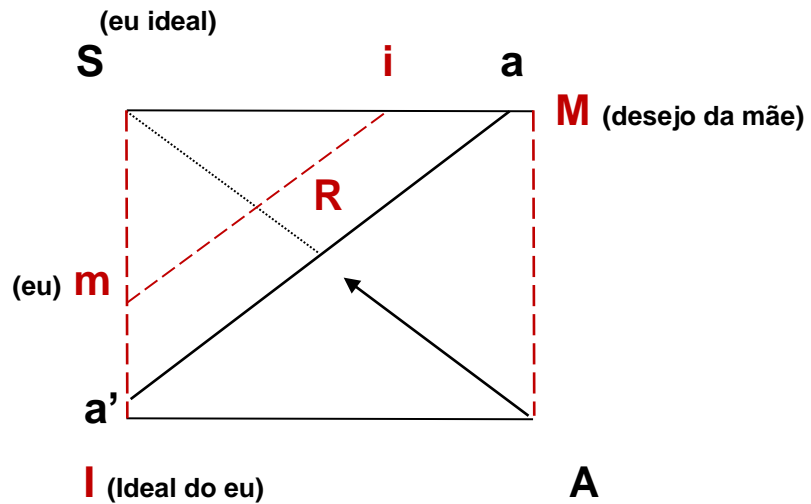
Como exposto no *Esquema R*, o pai é pai porque tem o falo. Tem o que a mãe quer, desejo da mãe (*M*). Como pontuará em *O Seminário, livro 20: Encore*, existe um que não é castrado, para todos que são castrados. Para ter o falo, é condição *sine qua non* ter a inscrição da função paterna, pois tal função é entendida como aquela que enlaça a lei e o desejo.



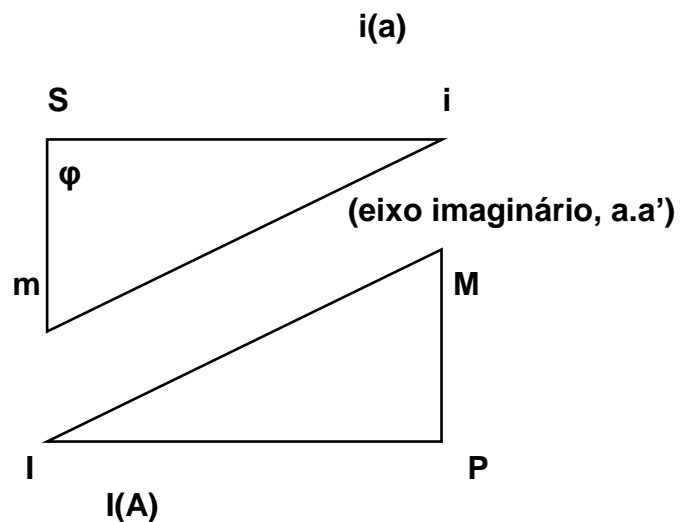
É a partir da inscrição da função paterna que ocorre a assunção do sexo pelo sujeito “que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assuma um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171). O falo aponta para a diferença sexual, é o significante embaixador, o qual permite o acesso ao objeto *a* – “a virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem a função do Édipo.” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171).



De acordo com Alberti (2011), existe uma banda de moebius na realidade psíquica (R): o que implica em dizer que não há continuidade entre imaginário e simbólico porque existe a realidade psíquica.



$I(A)$ , ideal do eu, é para onde tende o grafo do desejo – construído durante *O Seminário, livro 05: As formações do inconsciente* – pois o encontro com o Outro produz um ideal, assim como o desejo é desejo do Outro – visada do que o Outro quer de mim.



### 3. O enigma da feminilidade

No início da fase fálica, o clitóris na menina comporta-se como um pênis, possibilitando a ramificação do complexo de masculinidade, o que corrobora com a hipótese freudiana de que a libido é “de natureza masculina<sup>12</sup>, quer ocorra no homem ou na mulher” (FREUD, 1905/1992, p. 200). Para Freud, a distinção entre masculino e feminino não se resume meramente a características biológicas, assunto desenvolvido tanto em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925b) como em suas elaborações sobre a temática da bissexualidade.

Em determinado momento da fase fálica, a menina percebe-se *pequena demais*, sente *injustiça e inferioridade*. Ela não entende a sua falta de pênis, presume ter tido um e depois perdido por castração. Ali, onde havia amor e desejo para com a mãe, haverá ódio, pois, de um lado, “a censura contra a mãe, que remonta à época mais remota, é a de que esta deu à criança muito pouco leite – censura que lhe é feita como falta de amor” (FREUD, 1933/1992, p. 113), e de outro, percebe-se na análise que “as meninas responsabilizaram sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem” (FREUD, 1933/1992, p. 115). Fator decisivo para que a menina mude de objeto, buscando o pai, e mude de zona erógena, já que, “ela perde o prazer que obtinha da sua sexualidade fálica devido à influência de sua inveja do pênis” (FREUD, 1933/1992, p. 117).

No menino, o complexo de Édipo é abandonado pela ameaça de castração, instalando-se um severo supereu como seu herdeiro. Na menina, acontece quase o oposto, pois “o complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se está fora um refúgio” (FREUD, 1933/1992, p. 120).

Se o complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação: uma ativa, em que ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo; e/ou

---

<sup>12</sup> “Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação 'atividade e masculinidade', nos inclinamos a qualificá-la como masculina” (FREUD, 1933/1992, p. 122).

passiva, na qual poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua.

No desenvolvimento da sexualidade feminina, Freud (1933/1992, p. 110) pontua, “uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto”. Para além de a menina ter de abandonar o que constituiu a sua principal zona genital, o clitóris pela vagina, existe uma segunda alteração da mesma ordem, não menos importante para o seu desenvolvimento, a saber, a troca de seu objeto original, a mãe, pelo pai. O pai torna-se objeto de seu amor, “objeto do sentimento que se dirige ao elemento de falta no objeto, na medida em que é pela via desta falta que ela foi conduzida a esse objeto que é o pai” (LACAN, 1956-57/1995, p. 207). Ela renuncia a posição ativa para ocupar uma posição passiva diante do pai, com o objetivo de assumir seu destino enquanto mulher.

As mulheres são castradas, pois a falta de pênis é vista como resultado de castração. Freud considera que o reconhecimento de que as meninas eram castradas punha fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, uma vez que ambas acarretavam a perda do pênis: a masculina como resultante e a feminina como condição. É claro que para a mulher, como averiguamos, “a realização de seu sexo não se faz no complexo de Édipo de uma forma simétrica à do homem, não pela identificação com a mãe, mas ao contrário pela identificação com o objeto paterno, o que lhe destina um desvio *suplementar*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 202).

A menina assume uma atitude feminina para com o pai, mas não sem alguma tentativa de compensação: “o desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai” (FREUD, 1933/1992, p. 119). O pai “se torna em seguida aquele que dá o objeto de satisfação, o objeto da relação natural de procriação” (LACAN, 1956-57/1995, p. 207) e ela “desliza – ao longo de uma equação simbólica, diríamos – do pênis para um bebê” (FREUD, 1924c/1992, p. 186), de modo que nos permite situar a maternidade na lógica fálica.

Lacan (1956-57/1995, p. 206) retoma essa temática e pontua que Freud nos fala da “nostalgia do falo originário que começa a se produzir na menina no nível imaginário, na referência especular ao semelhante, outra menina ou menino, e nos diz que a criança será o substituto do falo”. A partir de então, “só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo

papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança” (LACAN, 1956-57/1995, p. 207).

Dessa forma, “sua felicidade é grande se esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá, se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis desejado” (FREUD, 1933/1992, p. 119). Na dialética do Édipo, “o pênis que ela deseja é a criança que ela espera receber do pai, à maneira de um substituto” (LACAN, 1956-57/1995, p. 126).

Freud (1931/1992, p. 229-230) dirá: “não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens”, por conta da ramificação do complexo de masculinidade na menina. No entanto, ele deixa claro o abandono de qualquer expectativa quanto a um paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino.

Os textos freudianos aqui trabalhados sobre a sexualidade feminina, nos mostram que “não há, propriamente, simbolização do sexo da mulher como tal” (LACAN, 1955-56/2008, p. 206), posto que “ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito” (LACAN, 1955-56/2008, p. 207). O sexo feminino possui a característica de ausência, de buraco, de furo. No entanto, “a desvantagem em que se acha a mulher quanto ao acesso à identidade, seu próprio sexo quanto à sexualização como tal, na histeria transforma-se numa vantagem, graças à sua identificação imaginária com o pai, que lhe é perfeitamente acessível, em virtude especialmente de sua posição na composição do Édipo” (LACAN, 1955-56/2008, p. 202).

Sobre o repúdio a feminilidade, Freud (1931/1992, p. 244) questiona-se: “se a defesa contra a feminilidade é tão enérgica, de que outra fonte pode ela haurir sua força senão da tendência masculina que encontrou sua primeira expressão na inveja do pênis da criança e que, portanto, merece ser denominada segundo esta?”.

Freud afirma que a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade e a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher, pois seria esta uma tarefa difícil, “mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual” (FREUD, 1933/1992, p. 108).

Há, contudo, um fato interessante. Quando Freud aponta a montagem da equação simbólica falo-filho, acaba por situar a maternidade enquanto atribuição fálica e nos indica uma relação estreita entre tornar-se mulher e tornar-se mãe.

Lacan corrobora essa hipótese, até certo ponto, quando expõe as fórmulas da sexuação, em *O Seminário, livro 20: Encore*. Do lado homem, “ $\forall x\Phi x$  [para todo x, fi de x], indica que é pela função fálica que o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função  $\Phi x$  é negada,  $\exists x\overline{\Phi x}$  [existe um x para o qual não fi de x]” (LACAN, 1972-73/1985, p. 107). Existe pelo menos um que não seja castrado, para que todos sejam. Essa exceção só confirma a regra de que a castração é para todo homem, exceto para o pai, como Freud (1913) já o notara em *Totem e tabu*. Se assim é para todo homem, o é também para a mulher, já que o homem aqui é o ser falante, o homem como o ser humano.

No entanto, há um outro lado nas fórmulas da sexuação, o lado mulher, que, conforme dito, implica que não há nenhuma que não seja castrada,  $\overline{\exists x\Phi x}$  [não existe nenhum x para o qual não fi de x], mas ela é não toda referida à função fálica,  $\overline{\forall x\Phi x}$ , razão pela qual terá “a opção de se colocar na  $\Phi x$  ou bem de não estar nela (LACAN, 1972-73/1985, p. 107). Não há uma verificação da função fálica como na psicose, pois a inscrição do significante no inconsciente diferencia a psicose da feminilidade, mas confere ao ser falante inscrito neste lado, o estatuto de não-todo fálico.

As fórmulas quânticas da sexuação introduzem uma distinção, isto é, uma diferença entre homem e mulher. O lado mulher, é verdade, acrescenta uma outra lógica à lógica masculina, mas na medida em que a mulher tem a opção de se colocar na função  $\Phi x$  ou bem de não estar nela, quando se trata da mãe, da mulher como mãe, ela localiza-se no lado homem, regido pela referência ao falo. A significação do filho é fálica na medida em que toda significação é referida ao falo.

Se nos interessamos especialmente pela questão exposta no complexo de Édipo da menina, é que se trata justamente de saber em que se distingue dela o mecanismo da psicose, baseado principalmente nos dois casos citados em nossa introdução, nos quais se aborda a questão da maternidade em uma perspectiva radicalmente diferente. Para esclarecer tal ponto, faz-se necessário estabelecer uma distinção capital sobre a função do significante no inconsciente e a sua forclusão.

## Capítulo II

### O INCONSCIENTE A CÉU ABERTO

A teoria lacaniana das psicoses, principalmente através da noção de foraclusão do significante Nome-do-Pai, tornou-se fundamental à prática psicanalítica, uma vez que inaugurou a possibilidade de uma *clínica das psicoses* por introduzir “a concepção a ser formada do manejo, nesse tratamento, da transferência” (LACAN, 1957-58/1998, p. 590).

Freud, em *A dinâmica da transferência* (1912c/1992, p. 118), chegou a desconsiderar a possibilidade de influência ou cura nos pacientes paranoicos, devido a transferência tornar-se essencialmente limitada a uma transferência negativa. Lacan, em *O Seminário: livro 03, As psicoses* (1955-56) e *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-58), demarca uma diferença radical entre neurose e psicose. A foraclusão está para as psicoses como o recalque para as neuroses, o que implica dizer que as consequências dessas respostas diante à castração não são as mesmas, e, por conseguinte, o manejo da transferência no tratamento, também não será igual.

É somente através dessa concepção teórica lacaniana que se tornou possível desconstruir a noção de uma impossibilidade da clínica psicanalítica com psicóticos e perceber que “usar a técnica que ele [Freud] instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos quando o barco está encalhado na areia” (LACAN, 1957-58/1998, p. 590).

A cautela sobre o tratamento de psicóticos anunciada em seus *Artigos sobre a técnica* (1911-1915) parece suficientemente adequada. Se, posteriormente, Freud (1924d/1992, p. 216) entende que “somente o estudo psicanalítico dos neuróticos pode oferecer uma preparação a um entendimento das psicoses”, a sua primeira atitude sobre o tratamento de psicóticos parece revelar “um reconhecimento, ao mesmo tempo precocíssimo e preconceituoso, da especificidade da transferência psicótica” (ALLOUCH, 1997, p. 433). Reconhecimento parcialmente exposto também em um de seus últimos trabalhos: “temos de renunciar à ideia de experimentar nosso plano de cura com os psicóticos. Renunciar a ele talvez para sempre ou talvez apenas por enquanto, até que tenhamos encontrado um outro plano que se lhes adapte melhor” (FREUD, 1938a/1992, p. 174).

No entanto, “abordar as psicoses com os resultados obtidos pelo estudo das neuroses”, seria uma decisão do psicanalista “para não ficar demasiado desarmado?” (ALLOUCH, 1997,

p. 434). Mais ainda: a crítica/sugestão direcionada a nossa pesquisa, segundo a qual seria interessante a apresentação de um trabalho direto sobre a maternidade na psicose, sem uma apresentação acerca do tema na neurose, não estaria exposta na questão de Allouch?

Sabemos o quanto o tratamento a psicóticos é um desafio, tanto para a ciência, em suma a psiquiatria e a psicologia, como para a psicanálise. Existe muito material publicado, pois se trata de um assunto grave, e os avanços clínicos, geralmente, são lentos e limitados. Ao propor um estudo sobre as mães psicóticas, principalmente quando observada a escassez de trabalhos nessa área, nos propomos a ter como fonte primordial de pesquisa, a nossa experiência clínica, jovem e talvez ainda muito limitada, mas com a escuta sustentada pelos pressupostos freudianos, na medida em que “toda e qualquer pesquisa em psicanálise é, assim, necessariamente uma pesquisa clínica” (ELIA, 2000, p.23), e a isto, Freud (1912b/1992, p. 114) sempre atentou: “a coincidência de investigação e tratamento é, sem dúvida, um dos títulos de glória do trabalho analítico”.

Aliado a isto, os casos clássicos da literatura psicanalítica, a saber, o de Schreber<sup>13</sup> e de Aimée, tornam-se fontes privilegiadas de investigação, não só pela sua importância na história da Psicanálise, mas pelo o que revelam. Solidamente amparados pela investigação clínica, corremos um risco menor de nos perdermos ou de cair na construção de um trabalho delirante, sem sustentação.

Para ser claro, operamos aqui com uma distinção entre uma estrutura e outra, em que as diferenciações algumas vezes podem ser invalidadas e em outras podem assumir o lugar privilegiado de diferença radical entre neurose e psicose. Para manter uma interseção entre clínica, pesquisa e teoria, a escolha de uma revisão teórica sobre o inconsciente e a sexualidade até o destaque da maternidade enquanto atribuição fálica na estrutura neurótica se deve ao fato de que tanto Freud destacou a importância do estudo das neuroses para um entendimento das psicoses, como Lacan apresentou o conceito de forclusão a partir da noção de uma inscrição do significante Nome-do-Pai.

---

<sup>13</sup> Apesar de não ter atendido Schreber, Freud atentou para o quanto os paranoicos possuem a peculiaridade de revelar (de forma distorcida) aquelas coisas que os neuróticos mantêm escondidas como um segredo: “decorre disso ser a paranoia um distúrbio em que um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente. Por esta razão, penso ser legítimo basear interpretações analíticas na história clínica de um paciente que sofria de dementia paranoides e a quem nunca vi, mas que escreveu sua própria história clínica e publicou-a” (FREUD, 1911/1992, p. 21).

Se nos interessamos até agora pela relação entre maternidade e falo na neurose, é justamente para saber em que se distingue dela o mecanismo da psicose, baseados na clínica e norteados pelo percurso de Freud e Lacan. Com Soler (2007, p. 14), continuando nossa investigação, estamos certos de que para saber o que a forclusão, essa falha no Outro, produz no sujeito “é preciso passar pelos efeitos da não-forclusão, pelos efeitos da suposta presença de um significante, inicialmente situado, na escrita da metáfora paterna”.

### 1. **Verwerfung**

Ao revisar a obra freudiana, torna-se difícil negar o início da construção de uma teoria psicanalítica das psicoses. Se, desde o *Rascunho H*, foi possível verificar a importância do delírio para o psicótico, quando Freud (1895b/1992, p. 250-251) observou que “a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que o eu se defende de alguma outra ideia intoleravelmente penosa; assim, [*essas pessoas*] *amam seus delírios como a si mesmas*”, em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), o esclarecimento de que “*a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, a reconstrução*” (FREUD, 1911/1992, p. 65), inovou a abordagem desta temática.

Como nos lembra Coutinho Jorge (2003, p. 35), “o psicótico, por meio da produção do delírio, tenta suprir a falta da instauração da fantasia. Na psicose, é essa capacidade de frear o empuxo-ao-goço, que a fantasia presentifica a todo instante para cada um de nós, que não aparece”. No entanto, porque há essa falta de instauração da fantasia?

A observação encontrada sobre a realidade na psicose em *A Perda da realidade na neurose e na psicose* (1924) talvez clarifique a nossa questão. Basta considerarmos o mundo fantasioso das neuroses para pontuar que a realidade na teoria freudiana corresponde a uma realidade psíquica oposta à realidade material. Se Freud (1924a/1972) averigua que, na psicose, “a ideia delirante se substitui à realidade porque esta é tão insuportável que passa a ser negada”, a sua investigação não só esclarece que a psicose não é o delírio, como também se aproxima de detectar a existência de um mecanismo de defesa do aparelho psíquico específico da psicose.



A concepção teórica de mecanismo específico da psicose e suas opções terminológicas são, diríamos, problemáticas. É evidente que um assunto como este merece um trabalho específico para abordá-lo. Faremos um breve apanhado sobre a problemática para alcançar a leitura lacaniana do tema.

Um dos primeiros termos empregados a propósito da psicose é o termo *Verwerfung*, em *As neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1894/ 1992, p. 59): “existe uma modalidade de defesa muito mais enérgica e eficaz que consiste no fato de que o eu rejeita (*verwerfen*) a representação insuportável junto com o seu afeto, e se comporta como se a representação nunca tivesse ocorrido”.

Em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), acerca da psicose, Freud corrige a concepção da projeção, exposta anteriormente, como uma rejeição que ocorre de imediato para o exterior: “não era exato dizer que a sensação reprimida (*unterdrückt*) no interior era projetada para o exterior; reconhecemos antes que o que foi abolido (*das Aufgehobene*) no interior volta do exterior” (FREUD, 1911/1992, p. 78), o que parece aproximar-se da noção de *Verwerfung*.

A problemática fica mais evidente quando certas “opções terminológicas de Freud podem ser por vezes enganadoras, particularmente quando fala de recalque a propósito da psicose” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 196), como averiguado em trechos do texto sobre Schreber, revelando a dificuldade de formular uma concepção teórica a respeito da defesa psicótica.

Somado a isto, “nos diversos textos de Freud existe uma ambiguidade indubitável quanto ao que é rejeitado (*verworfen*) ou recusado (*verleugnet*) quando a criança não aceita a castração” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 197). Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925b), Freud aproxima a noção de *Verleugnung* ao mecanismo da psicose: “surge um processo que eu gostaria de designar pelo nome de recusa (*Verleugnung*), processo que parece não ser nem raro nem muito perigoso na vida da criança mas que no adulto seria o ponto de partida para uma psicose” (FREUD, 1925b/1992, p. 271-272).

Já em *Esboço de Psicanálise*, Freud (1938a/1992, p. 203) aponta que “a causa precipitadora da irrupção de uma psicose é ou que a realidade tornou-se insuportavelmente

penosa ou que as pulsões tenham cobrado um esforço extraordinário”. Ora, desde as suas primeiras publicações, ele descrevia a defesa psicótica em termos parecidos: “o eu arranca-se à representação insuportável, mas esta está indissolúvelmente ligada a um fragmento da realidade e, realizando esta ação, o eu desligou-se também total ou parcialmente da realidade” (FREUD, 1894/1992, p. 60).

Essa torna-se mais clara com aquela exposta em *História de uma neurose infantil* (1918), quando, após esclarecer que “uma repressão [*Verdrängung*] é algo muito diferente de uma rejeição [*Verwerfung*]” (FREUD, 1918/1992, p. 74), Freud diz ter conhecido a atitude de seu paciente diante da castração: “[*O homem dos lobos*] rejeitava [a castração] e apegava-se à teoria de relação sexual pelo ânus. Quando digo que ele a havia rejeitado, é que não quis nada saber sobre a castração, no sentido do recalque. [...] era como se ela não tivesse existido” (FREUD, 1918/1992, p. 78).

Apesar das diversas opções terminológicas, algumas contraditórias, diríamos que o estudo freudiano acerca da defesa psicótica aponta em um sentido, o qual permite Lacan evidenciar observações cruciais acerca dessa problemática. Apoiando-se no texto *A negativa* (1925a/1992), no qual Freud fala de duas operações: *Einbeziehung ins Ich* (introdução do eu/sujeito) e a *Ausstossung aus dem Ich* (expulsão para fora do eu/sujeito), Lacan descreve a primeira destas operações relacionada à *Bejahung*, afirmação primordial; e a segunda associada à *Verwerfung*, equivalente a não operação da afirmação primordial – “essa *Verwerfung* está implicada no texto da *Verneinung*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 176). Tal como observou Hyppolite (1971, p. 56), têm-se “duas formas primeiras: a força de atração [*Einbeziehung*] e a força de expulsão<sup>14</sup>, ao que parece, sob o domínio do princípio do prazer”.

Nesse contexto, “estabelece-se uma primeira dicotomia: o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o qual cai sob o golpe da *Verwerfung* terá um outro” (LACAN, 1955-56/2008, p. 100), isto é, “há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é afirmação do que é, ou *Verwerfung*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 176).

Se Freud destaca em sua investigação sobre o *Homem dos Lobos* que o sujeito não queria nada saber da castração, no sentido do recalque, e a palavra *Verwerfung* aparece

---

<sup>14</sup> “Sem que Freud use aí o termo *Verwerfung*, é mais fortemente ainda acentuado, já que ele coloca *Ausstossung*, que significa expulsão” (HYPPOLITE, 1971, p. 52).

conectada a essa ideia, Lacan apodera-se desse desenvolvimento: “não me prendo especialmente ao termo, prendo-me ao que ele quer dizer” (LACAN, 1955-56/2008, p. 177).

Na leitura lacaniana, portanto, a *Verwerfung* corresponde ao mecanismo específico da estruturação psicótica, como exposto em *O Seminário, livro 03: As psicoses* (1955-56), quando é possível diferenciar os sintomas na neurose e as alucinações na psicose:

Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa que, no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça de castração. [...]O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalçado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalçado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. [...]Tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real (LACAN, 1955-56/2008, p. 21-22)

Na *Verwerfung*, trata-se da ausência de *Bejahung*, ou seja, “da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível” (LACAN, 1955-56/2008, p. 178). Consiste na forclusão primordial de um significante fundamental – o Nome-do-Pai enquanto significante da lei e do desejo e o falo enquanto significante da castração – para fora do universo simbólico do sujeito, tal como exposto em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose* (1957-58):

A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (LACAN, 1957-58/1998, p.564).

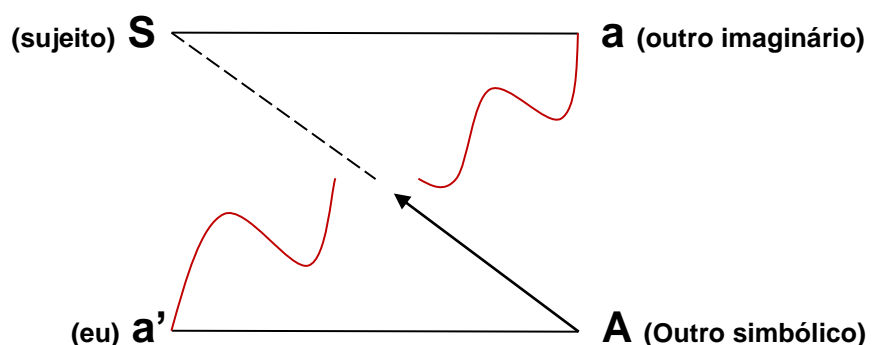
Se fica claro pensar a psicose como uma estrutura clínica originalmente diferente da neurose e da perversão, uma vez que no primeiro tempo do complexo de Édipo ou há *Bejahung*<sup>15</sup> ou há *Verwerfung*, temos em uma passagem do complexo à estrutura, com o conceito de forclusão elevado à categoria de conceito operatório, o ponto capital para pensar a estrutura psicótica.

---

<sup>15</sup> Posteriormente, o segundo tempo concerne na divisão do campo das neuroses (*Verdrängung*) e das perversões (*Verleugnung*).

Sabemos que “não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171). Falta ao psicótico o que funda a significação, isto é, o significante primordial Nome-do-Pai: a significação do falo “é, com efeito, na economia subjetiva, tal como a vemos comandada pelo inconsciente, uma significação que só é evocada pelo que chamamos de metáfora paterna” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561), deve ser evocada “no imaginário do sujeito pela metáfora paterna” (LACAN, 1957-58/1998, p. 563). Se toda significação é fálica, o psicótico, por não instituir simbolicamente tal significante, realizará outra articulação entre significante e significado, diversa da metáfora paterna. Não se trata aqui de uma indiferença ao pai, mas uma defesa radical diante da Lei.

O sujeito fica tão impactado diante da castração que “expulsa qualquer possibilidade de inscrevê-la simbolicamente, o que lhe trará consequências nefastas, a partir das quais o sujeito é impelido a trabalhar para barrá-las” (ALBERTI, 2011). Constitui-se um sujeito do gozo. Por exemplo, como ilustrado no quadro a seguir, quando desencadeada a psicose, o inconsciente está a céu aberto: por não existir a possibilidade de utilizar-se do significante Nome-do-Pai, não há mais velamento e escuta-se vozes que vem do Real. Eis a relação entre a *Verwerfung* e a alucinação: “o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real” (LACAN, 1955-56/2008, p. 22).



O esquema L, comentado no nosso primeiro capítulo, “figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, a e a’, e suas relações imaginárias (LACAN, 1955-56/2008, p. 23). Na psicose, quando a alucinação reaparece no real, ela nos

mostra que “o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade” (LACAN, 1955-56/2008, p. 24).

A relação entre *Verwerfung* e alucinação pode ainda ser vista no caso do *Homem dos Lobos*, “o qual não deixa de testemunhar tendências e propriedades psicóticas (LACAN, 1955-56, p. 21). Freud expõe o relato do paciente quando, aos cinco anos, corta o seu dedo brincando com uma faca:

Estava brincando no jardim perto da babá, fazendo cortes com meu canivete na casca de uma das nogueiras que aparecem em meu sonho também. De repente, para meu inexprimível terror, notei ter cortado fora o dedo mínimo da mão, de modo que ele se achava pendurado, preso apenas pela pele. Não senti dor, mas um grande medo. Não me atrevi a dizer nada à babá, que se encontrava a apenas alguns passos de distância, mas deixei-me cair sobre o assento mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de dirigir outro olhar ao meu dedo. Por fim, me acalmei, olhei para ele e vi que estava inteiramente ileso (FREUD, 1918/1992, p. 79).

Freud (1918/1992, p. 79) presume que “essa alucinação pertence ao período no qual foi levado a reconhecer a realidade da castração”. A relação observada por Lacan entre o fenômeno elementar e o nada querer saber sobre a castração, traduz-se pelo aforismo citado acima: aqui que é foracluído do simbólico, retorna no real

## 2. A zerificação da referência simbólica ao falo

O complexo de Édipo é essencial à sexualidade porque “introduz o funcionamento do significante como tal na conquista do dito homem ou mulher” (LACAN, 1955-56/2008, p. 221). O sujeito, diz Lacan (1957-58/2008, p. 208), “encontra o seu lugar num aparelho simbólico pré-formado que instaura a lei na sexualidade; e essa lei não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico”, pois “é pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza e a mulher aceita sua função feminina” (LACAN, 1955-56/2008, p. 208).

Se a entrada do significante é determinante na lógica da sexuação, a forclusão do Nome-do-Pai compromete essa sexuação. Sobre a relação do sujeito com o sexo e com a linguagem, Lacan (1955-56/2008, p. 283) questiona: “as duas vertentes, macho e fêmea, da sexualidade, não são dados, não são nada que possamos deduzir de uma experiência. Como poderia o indivíduo se achar nisso aí, se ele não tivesse o sistema do significante?”.

O significante Nome-do-Pai tem uma função estruturante quanto à assunção do sexo do sujeito. A forclusão compromete a relação com o falo e, conseqüentemente, a identificação com o sexo, ser homem ou mulher. O Presidente Schreber nos mostra isso. Ainda no período pré-psicótico, ele é bruscamente invadido por uma imagem, “aquela menos propícia, parece, para entrar no espírito de um homem de sua espécie e de seu estilo, segundo a qual deveria ser belo ser uma mulher sendo copulada” (LACAN, 1955-56/2008, p. 225). Ele vive algo da ordem da perplexidade logo após a indicação para *Senatspräsident*: “por ter que ser o falo, ele estará fadado a se tornar uma mulher” (LACAN, 1957-58/1998, p. 571). Esse período de confusão incide acerca de seu sexo, demonstrando certa impossibilidade de acesso a algo que possa realizá-lo no tipo viril.

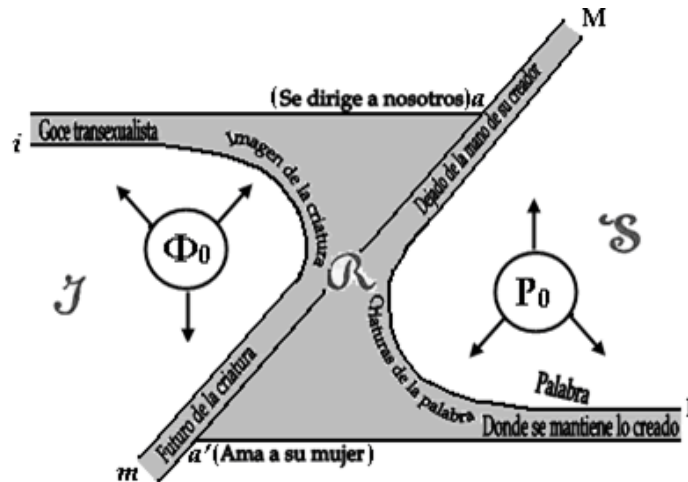
Uma vez desencadeada a psicose, “o sujeito vai se comportar como antes, como homossexual inconsciente” (LACAN, 1955-56/2008, p. 225), posto que a zerificação do falo ( $\phi = 0$ ) impossibilita o acesso a virilidade – forma de dizer que não existe o homem na psicose e qualquer aproximação ao tipo viril ocorre por um mecanismo de compensação imaginária. Isto é, a função paterna possui um papel central “na realização do complexo de Édipo, e condiciona o acesso do filho ao tipo de virilidade (LACAN, 1955-56/2008, p. 238). Diante a forclusão desse significante, “será preciso que o sujeito dela se encarregue e assuma a sua compensação, longamente, a vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem” (LACAN, 1955-56/2008, p. 239).

Expomos, ao falar da feminilidade, que “ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito” (LACAN, 1955-56/2008, p. 207). Se “Schreber se vê forçado a eviração, é porque a falta de metáfora simbólica abre um verdadeiro furo” (POLLO, 2002, p. 96). Furo este associável ao feminino, na medida em que o sexo feminino tem uma característica de ausência, vazio, pois “não há, propriamente, simbolização do sexo da mulher como tal” (LACAN, 1955-56/2008, p. 206). Ao considerarmos a experiência clínica, torna-se visível a tendência à feminização na estrutura psicótica – efetivamente estipulada por Lacan através do termo “*empuxo-à-mulher*”, no texto *O aturrito* (LACAN, 1973/2003, p. 466).

Se, quando indicado a assumir um cargo de considerável importância, Schreber relata a imagem da copulação, temos na sequência, a sua transformação em mulher – “seu corpo é

progressivamente invadido por imagens de identificação feminina as quais ele abre a porta, deixa apoderar-se” (LACAN, 1955-56/2008, p. 299).

Lacan constrói o esquema I para exemplificar:



Diante da emasculação, Schreber encontrará uma maneira para resolver a falta simbólica que se revelou no campo imaginário, onde estavam ancoradas as suas identificações imaginárias sexuais. Se a transformação em mulher é centro de seu delírio, podemos perceber que “não é por estar foracluído do pênis, mas por ter que ser o falo, que estará fadado a se tornar uma mulher” (LACAN, 1957-58/1998, p. 571), pois a “adivinhação do inconsciente adverte o sujeito, desde muito cedo, de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, 1957-58/1998, p. 572).

### 3. Desfusão das pulsões

Ao realizarmos uma breve revisão sobre o conceito de pulsão, com Quinet (2002, p. 81), concluímos que “a satisfação da pulsão é, de fato, paradoxal, pois ela exige uma satisfação constante, o que é impossível devido ao objeto perdido”. Se a pulsão busca a Coisa – “o objeto que daria satisfação à pulsão, o que Freud chama de *das Ding*, a Coisa, não existe” (COUTINHO JORGE, 2003, p. 31) – podemos considerar que ela se aproxima do Real. Esse percurso já não se caracteriza predominantemente pela sexual, pois o Real é dessexualizado.

Existe algo no estímulo pulsional, perante a sua montagem, que foge à sexualidade, o qual está para além do princípio do prazer. Freud, a partir de seu texto *Além do princípio do prazer* (1920), ao retomar a noção de compulsão à repetição exposta em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), averigua a necessidade de reformulação da tópica pulsional, surgindo assim

o último dualismo pulsional: “as manifestações de uma compulsão à repetição apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força demoníaca em ação” (FREUD, 1920/1992, p. 35). É inserido o conceito de pulsão de morte por existir algo além do princípio do prazer, em que o “seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico” (FREUD, 1938/1992, p. 146).

Abre-se espaço ainda para pensar o caráter originário dessa descoberta sobre a pulsão, pois “se presumirmos que as coisas vivas apareceram mais tarde que as inanimadas e delas se originaram, então a pulsão de morte se ajusta à formula que propusemos, a qual postula que as pulsões tendem a retornar a um estado anterior” (FREUD, 1938/1992, p. 146).

Lacan (1964/2008, p. 194) não deixa de apresentar em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, “a afinidade essencial de toda pulsão com a zona de morte, e concilia as duas faces da pulsão – que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte”.

De fato, “não há, ao menos no que toca a Freud e Lacan, uma proposição da vida como vencedora da morte” (MAURANO, 2001, p. 177), pois “a rigor, a verdadeira pulsão, ou seja, a pulsão originária é a pulsão de morte; e a incidência da libido sobre ela, apenas a atenua” (POLLO, 2009), isto é, “a pulsão, a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte” (LACAN, 1964/2008, p. 201). É nesse contexto que se observa uma estreita relação entre esses conceitos apresentados:

das Ding ≡ Gozo ≡ Angústia ≡ Pulsão de morte ≡ Real

Exatamente pelo movimento de um estímulo pulsional, em última instância, buscar a Coisa, desenvolve-se um pensamento o qual se adéqua ao “dramático, se não o trágico, da existência humana” (COUTINHO JORGE, 2003, p. 32), pois “o gozo está do lado da Coisa” (LACAN, 1964/1998, p. 867).

Mesmo com tal constatação a respeito do movimento pulsional, isso “não implica negar sua heterogeneidade, nem negar o conflito entre as duas pulsões que fazem o movimento da vida psíquica (MAURANO, 2001, p. 177). Para o sujeito, “a morte participa da vida tanto quanto a vida participa da morte” (MAURANO, 2001, p. 177).



No entanto, “cada vez que estamos na dialética da pulsão, outra coisa comanda. A sua dialética se distingue fundamentalmente do que é da ordem do amor como do que é do bem do sujeito (LACAN, 1964/2008, p. 202). Como nos espantar que o último termo da sexualidade (vida) seja a morte?

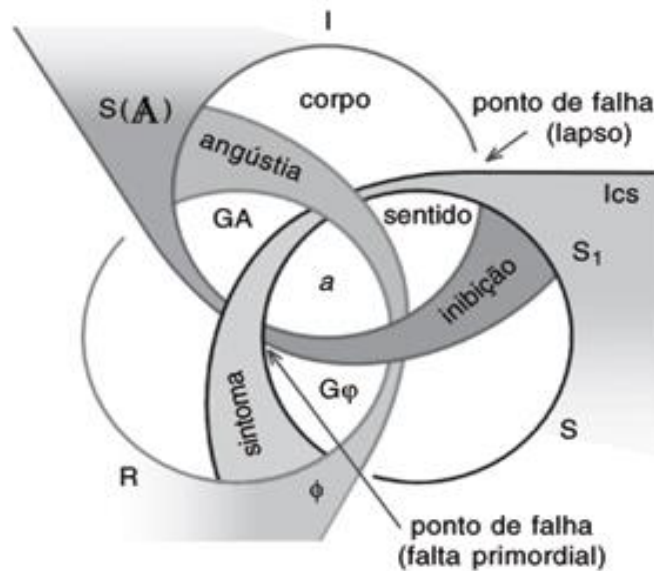
Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha incluída no plano da “Criação” (FREUD, 1930/1992, p. 76).

Averiguamos as peculiaridades da pulsão e sua relação com o impossível, isto é, o Real. A busca de satisfação completo do estímulo pulsional em direção ao impossível, *das Ding*, acaba por apresentar, através da compulsão à repetição, a pulsão como pulsão de morte. Não desconsideramos o dualismo pulsional, posto que “o problema do objetivo e propósito da vida seria respondido dualisticamente” (FREUD, 1923/1992, p. 42), mas averiguamos que enquanto há vida, há fusão de pulsões, contudo, por detrás da pulsão sexual surge a pulsão de morte, na medida em que esta última é originária.

De forma específica na neurose e perversão, “a pulsão sexual representa o segmento da pulsão de morte que foi sexualizado pela linguagem e doravante freado pela ação onipresente da fantasia inconsciente, a partir do momento em que se produziu o recalque originário (COUTINHO JORGE, 2010, p. 160). Na psicose, “a ausência da operação simbólica que garante o recalque pode fazer com que, após o surto, *haja uma desfusão das pulsões de vida e de morte, com resultados funestos para o sujeito*” (CARNEIRO RIBEIRO, 2011, p. 46, grifo nosso).

Quando Freud fala de desfusão das pulsões é “para designar, explícita ou implicitamente, o fato de a agressividade ter conseguido quebrar todos os laços com a sexualidade (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 206). Freud (1925a/1992, p. 256-257) cita que, não só o “negativismo apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como sinal de uma desfusão de pulsões efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais”, como também permite construir a noção de que na melancolia, “a libido se escoia, como se houvesse uma ferida aberta no simbólico” (CARNEIRO RIBEIRO,

2011, p. 46), isto é, “Tânatos se desvincula de Eros, fazendo dessa entidade clínica uma pura cultura da pulsão de morte” (QUINET, 2009, p. 223).



(Villela Dias, 2006, p. 93)

Com base no nó borromeano, podemos reler o *sofrer demais* de nossos pacientes enquanto ligado à angústia, invasão do Imaginário realizada pelo Real, assim como o *mal-estar* ao sintoma, resposta do Simbólico ao Real. Aqui deparamo-nos com a Psicanálise enquanto clínica do Real, isto é, a análise proporciona: o movimento de decifrar o sintoma, através da interpretação e ato analítico, no qual o Real penetra o duplo sentido Simbólico; e a reintrodução de sentido perante a angústia, através do amor transferencial, em que o Imaginário responde ao não sentido Real.

A pulsão seria a força constante a qual impulsiona no sujeito, por um lado, o sofrer demais (angústia), e, por outro, o mal-estar (sintoma). Na defusão pulsional, o sujeito acaba por deparar-se com a pulsão, fundamentalmente, de morte; e é aqui que verificamos uma relação entre a pulsão e o Real. O sujeito neurótico, contudo, possui o desejo, talvez a sua única garantia frente ao Real. Já o psicótico, esse sujeito do gozo, desprovido do desejo e gozo sexual – posto que “o real do gozo sexual é o falo, ou seja, em outras palavras, o Nome-do-Pai” (LACAN, 1971/2009, p. 30), foracluído na psicose, justamente, - nos mostra a condição de um sujeito que carrega o objeto *a* no bolso, tal como destaca Lacan em seu *Pequeno discurso aos psiquiatras* (1967).

## Capítulo III

### A MATERNIDADE NA PSICOSE

O conceito de psicose parece ter sido introduzido em o *Manual de psicologia médica* (1845), por Ernst von Feuchtersleben, classificando a partir de então “o termo psicose para designar a alienação mental, anteriormente descrito como insanidade, expressão proveniente da antiga Roma, utilizada posteriormente na psiquiatria francesa” (MALEVAL, 2009, p. 256).

Na clínica psiquiátrica, em aspectos gerais, tal conceito é tomado em uma ampla extensão, “de maneira a abranger toda uma gama de doenças mentais, quer sejam manifestamente organogénéticas (paralisia geral, por exemplo), quer a sua etiologia última permaneça problemática (esquizofrenia)” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 390).

Em psicanálise, descrevem-se três principais estruturas clínicas: neuroses, perversões e psicoses. Este último grupo, subdivide-se em: paranoia, esquizofrenia e melancolia. Segundo Laplanche & Pontalis (2001, p. 390), “é numa perturbação primária da relação libidinal com a realidade que a teoria psicanalítica vê o denominador comum das psicoses, onde a maioria dos sintomas manifestos (particularmente construção delirante) são tentativas secundárias de reestruturação do laço social”. Como nos lembra Allouch (1997, p. 112), “o fato de que as psicoses sejam um distúrbio da sexualidade ainda hoje está longe de ser indisputado”.

O nosso estudo averigua a maternidade enquanto o envolvimento de uma mulher em sua sexualidade e a instauração de um lugar de mãe a ser ocupado, ou não, mediante a presença de seu filho, haja visto que a resposta do sujeito no nível da paternidade ou a maternidade dependem do falo, “não no sentido de se alguém pode biologicamente ser pai ou mãe, mas levando em consideração se o sujeito poderá responder à criança” (RABINOVICH, 2005, p. 12). Discutiremos a maternidade na psicose a partir do relato de três casos clínicos: o Caso Schreber, não-todo relacionado ao assunto discutido; o caso Aimée; e o caso Ane. Para tanto, iniciaremos com uma revisão sobre o diagnóstico psiquiátrico de psicose puerperal, que revela, de um lado, a problemática da (não) sexuação na psicose, e de outro, uma outra modalidade de exercício da maternidade, distinta da tese freudiana falo-filho.

## 1. O diagnóstico de psicose puerperal

Durante os trabalhos realizados tanto na clínica psiquiátrica infanto-juvenil do Hospital Universitário Pedro Ernesto quanto no serviço de internação breve da Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Vianna, pude averiguar o quanto o estudo sobre as mulheres em período de gestação e puerpério possui muitas incógnitas, pois se no senso comum uma gravidez, quando desejada, produz enorme alegria nessa fase da vida de uma mulher, a experiência clínica revela como a chegada da maternidade pode manifestar transtornos psiquiátricos.

Dentre os transtornos psiquiátricos puerperais<sup>16</sup>, a psicose puerperal, ao que tudo indica, tem início mais abrupto e está entre os mais graves: descreve-se a presença de delírios e alucinações peculiares, pelo motivo dessas mulheres apresentarem delírios envolvendo em específico seus filhos; e, apesar de ser um quadro mais raro, sua gravidade a coloca em destaque, uma vez que em muitos casos existe o risco de infanticídio ou suicídio (CAMACHO et al, 2006).

O obstetra alemão Friedrich Benjamin Osiander (1759-1822) parece ter sido o primeiro a observar a presença de episódios maníacos em algumas mulheres durante o puerpério – em seu livro sobre a arte do parto, *Neue Denkwuerdigkeiten fuer Aerzte und Geburtshelfer* (1797) –, o que posteriormente ficou conhecido como *Wochenbettpsychose* (psicose do puerpério). O termo tem como tradução literal: psicose da semana na cama. Após o parto, as mulheres ficavam uma semana de cama. Assim, o tempo do pós-parto é conhecido como *Wochenbett* (cama da semana).

Na chamada Psiquiatria Clássica, em que a observação clínica é levada a bom termo, encontramos maiores informações clínicas sobre o diagnóstico. O *Tratado de Psiquiatria* (1969) organizado por Henry Ey, descreve, classicamente, como psicose puerperais, “todos os acidentes psiquiátricos da gravidez, puerpério e aborto. Esses acidentes revelam os mais diversos aspectos: de uma rápida reação neurótica a uma psicose de largo curso (EY et al, 1969, p. 742).

Dentre os fatores etiológicos, “o caráter prépsicótico ou a predisposição neuropata parece existir em 50% dos casos” (SCHNEIDER 1957 apud EY et al 1969, p. 743) de modo

---

<sup>16</sup> Segundo Chaudron e Pies (2003), os transtornos psiquiátricos puerperais são classificados, atualmente, como disforia do pós-parto, depressão pós-parto e psicose puerperal.

que a situação da mulher frente à gravidez e ao parto deve ser estudada como “o ponto de encontro de seu passado (herança familiar, antecedentes patológicos, constituição biológica, estrutura neurótica ou pré-psicótica) com suas posições atuais (conjugais, sociais, econômicas), com os incidentes gravido puerperais e finalmente, com as perspectivas abertas perante ela pela maternidade” (EY et al, 1969, p. 745).

Clinicamente, “a confusão [mental] aparece subitamente, e expressa-se um estado de ansiedade que, como a confusão, é de uma intensidade variável: da perplexidade ao terror” (EY et al, 1969, p 747). Além disso, “pode ver-se como se associam ou se sucedem por fases aspectos melancólicos, maníacos, incluso catatônicos” (EY et al, 1969, p. 747).

Ao propor essa revisão, interrogamos algo que talvez aponte interseções e/ou diferenciações entre o diagnóstico em Psicanálise e em Psiquiatria<sup>17</sup>: há uma psicose puerperal para a Psicanálise? Se é a partir do conceito de *Verwerfung* – ou forclusão, segundo a tradução lacaniana do termo – desenvolvido na teoria psicanalítica, de Freud a Lacan que “o conceito de psicose, pela primeira vez desde *Feuchtersleben*, recebeu um significado rigoroso” (MALEVAL, 2009, p. 276), essa descoberta permite diferenciarmos o campo das psicoses do das neuroses e perversões.

O mais próximo que podemos chegar da terminologia psiquiátrica seria formular que, para a Psicanálise, o que a medicina chama de psicose puerperal é, na realidade, uma psicose (caso seja psicose, uma vez que o diagnóstico nem sempre é tarefa fácil), desencadeada durante o puerpério.

As relações entre o desencadeamento da psicose e a maternidade determinaram o início da pesquisa e nos fizeram criar uma primeira hipótese de psicose puerperal em nossa paciente Ane, assim como muitos autores apontam o momento do desencadeamento da psicose de Aimée durante o período de sua primeira gravidez.

Sabemos que para uma psicose se desencadear “é preciso que o Nome-do-Pai, foracluído, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito” (LACAN, 1957-58/1998, p. 584). Tal invocação pode ocorrer “através nada mais nada menos que um pai real”, e ainda, “é

---

<sup>17</sup> Tal proposta talvez não interesse a quem busca “as causas da loucura nos avatares da neurotransmissão” (ALLOUCH, 1997, p. 387) e nega ou subestima a clínica psicanalítica. No entanto, o estudo das psicoses, quando realizado com rigor e seriedade, nos mostra o quanto as correlações orgânicas são insuficientes para abordá-lo. Isto posto, uma pesquisa psicanalítica sobre psicose puerperal, além de necessária e relevante, possibilita uma discussão entre dois campos de saber, Psicanálise e Psiquiatria, e faz frente ao ‘cientificismo’ contrário a toda pesquisa séria.

preciso que esse Um-pai venha no lugar em que o sujeito não pôde chamá-lo” (LACAN, 1957-58/1998, p. 584). Assim, inicia-se a “cascata e remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante” (LACAN, 1957-58/1998, p. 584).

Segundo Julien (1999, p. 21), o processo de desencadeamento da psicose ocorre através de duas elisões: “se um dia a imagem falha em fornecer a resposta exigida pela novidade do aparecimento de um acontecimento, o sujeito pode então tomar sozinho a palavra e fazer face ao acontecimento”, ocorre a elisão no imaginário. O sujeito precisará abandonar o especular e buscar resposta no desconhecido, na novidade, tendo como apoio a Lei. Porém, frente a este chamado do Simbólico, no qual se invoca o significante Nome-do-Pai, nada a auxilia. Sem um ponto de basta, ele esbarra em um buraco, um vazio – o sujeito não pode responder e ocorre a elisão no simbólico.

Eis um encontro imprevisto de duas elisões, uma no imaginário e outra no simbólico: “uma psicose se desencadeia a partir de dois furos em um só – por um lado, a elisão no imaginário em consequência da novidade de uma escolha a ser feita e, por outro, a elisão no simbólico pelo apelo em vão ao Nome-do-Pai” (JULIEN, 1999, p. 26).

A investigação sobre o tema nos levou a considerar que a possibilidade da maternidade desencadear uma psicose deve ser analisada caso a caso. Essa discussão entre maternidade e desencadeamento da psicose, entretanto, nos revelou uma questão pouco abordada, isto é, a maternidade na psicose, o que nos fez pensar o diagnóstico psiquiátrico de psicose puerperal como a ponta de um *iceberg* que anuncia uma problemática maior, a saber, a questão sobre o sujeito psicótico se deparar com a maternidade. Se concebemos a maternidade enquanto o envolvimento de uma mulher em sua sexualidade, até mesmo por conta da zerificação do falo comprometer a diferença sexual, assim como a resposta do sujeito no nível da maternidade, temos a revelação de um impasse vivido diante da questão da sexuação na psicose.

Somado a isto, por conta da falta de precisão sobre a diferenciação entre neurose e psicose, o diagnóstico de psicose puerperal, ao que tudo indica, também expõe o exercício de uma outra modalidade de atuação da maternidade, distinta da tese freudiana da maternidade. O que segue nos próximos tópicos é o desenvolvimento a partir de três casos clínicos que demonstram, antes de mais nada, a complexidade da questão sobre a procriação na psicose.

## 2. Schreber e a questão da procriação feminina

O caso Schreber caracteriza-se enquanto não-todo distante do nosso problema, uma vez que o fantasma de gravidez e de procriação é dominante em sua história. Já expusemos que em Schreber não há “nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, transformado em mulher” (LACAN, 1955-56/2008, p. 286).

Há dois pontos importantes a serem observados. Em um deles, Lacan destaca a palavra significativa que Flechsig dirige a Schreber quando este chega perturbado para a sua consulta. Flechsig diz a ele que “fizeram-se enormes progressos em psiquiatria, e que se vai botá-lo num desses soninhos que vai ser bem fecundo” (LACAN, 1955-56/2008, p. 356). Ora, “já houve antes um alerta ou suspensão da função da paternidade, sabemos por seus testemunhos que ele esperou tornar-se pai, que sua mulher, no intervalo de oito anos que separou a primeira crise da segunda, teve vários abortos espontâneos” (LACAN, 1955-56/2008, p. 356).

Lacan pontua que essa intervenção de Flechsig talvez fosse justamente a coisa que não se devia dizer, pois “a partir daquele momento Schreber não dorme mais, e naquela noite tenta se enforçar” (LACAN, 1955-56/2008, p. 356). Nesse sentido, “a relação de procriação está, com efeito, implicada na relação do sujeito com a morte” (LACAN, 1955-56/2008, p. 356).

Outro ponto é que a sua reconstrução coloca em cena o fantasma de gravidez e de procriação feminina. O furo aberto pela falta de metáfora paterna “só se resolverá mediante uma construção delirante” (POLLO, 2002, p. 96): “ali onde o Nome-do-Pai foracluído não promove a significação fálica, advém uma significação da suplência – ser a mulher de Deus” (SOLER, 2007, p. 187).

Para Schreber, “a eviração só seria contrária à *Ordem do Mundo* se significasse volúpia sem procriação” (POLLO, 2002, p. 96), posto que sua transformação implica em ser a mulher de Deus, ser fecundado por raios divinos e gerar uma nova raça de homens, isto é, “o sujeito será não simplesmente uma mulher, passível de ser tomada como objeto *a* por um homem, mas toda-mulher, uma Outra não castrada e não castrável: A Mulher que falta aos homens” (POLLO, 2002, p. 96).

Em aspectos gerais, Schreber revela não só que a zerificação do falo compromete o reconhecimento da diferença sexual, através de sua transformação em mulher, como também a problemática da procriação na psicose, citado através da análise de Lacan quando detalha a relação do presidente com Flechsig.

A questão da procriação feminina, ser a mulher de Deus e procriar de uma nova raça de homens, sendo a mulher de Deus, no entanto, torna-se um significante funcionando como metáfora delirante.

### 3. O caso Ane

Observamos a paciente Ane no serviço de internação da Clínica Psiquiátrica do Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (HCGV) em Belém/PA durante quatro meses. Era uma jovem de 26 anos, solteira, paraense, mãe de uma filha (seis anos), havia concluído o ensino fundamental, não trabalhava, ocupava-se com os afazeres domésticos e morava com os pais.

A princípio atendida na emergência psiquiátrica do HCGV, foi encaminhada à internação psiquiátrica com hipótese diagnóstica de esquizofrenia. Estava no terceiro mês de sua segunda gravidez; não conseguia responder às perguntas sobre sua identidade, “encontrava-se desorientada no tempo e espaço, e sem juízo crítico de sua situação” (SIC); e segundo o relato dos familiares, a paciente iniciou o quadro ao apresentar uma “fala confusa, comportamentos esquisitos e atitudes agressivas com as pessoas em sua volta” (SIC).

No prontuário, enfatiza-se, ainda, que Ane havia sido submetida a uma internação psiquiátrica anterior, a qual coincidiu com o período posterior ao nascimento de sua primeira filha. Foi esta história anterior que fez a família suspeitar de uma possível nova crise psiquiátrica no início da segunda gravidez, quando Ane apresentou o estado de confusão mental. Não há dados sobre sua primeira internação psiquiátrica, mas destaca-se que ocorreu pós-parto, o que leva à hipótese de uma psicose puerperal após a primeira gestação. Como vimos, lançamos a hipótese de que o primeiro surto psicótico de Ane ocorreu logo após o nascimento de seu primeiro filho.

Durante a segunda gravidez, Ane permaneceu internada na Psiquiatria durante os seis meses que se seguiram ao encaminhamento da emergência e somente saiu da Psiquiatria no momento do parto, quando foi transferida para o serviço de obstetrícia do mesmo hospital para uma cesariana. Após o parto retornou ao serviço psiquiátrico. Deu à luz uma criança do sexo masculino, porém quase não teve contato com esse filho. O bebê nasceu saudável e ficou sob a guarda do pai. Não temos maiores detalhes sobre esse período.



No momento do encaminhamento para as entrevistas conosco, nos foi relatado que ela se mostrava totalmente indiferente diante da maternidade. Isso espantava muito a maioria dos profissionais da equipe, comovida com a questão sobre como é que uma mãe poderia ser tão indiferente para com um filho. Questionavam-na, com perguntas e afirmativas do tipo: “Mas, e o seu filho?”, “Ane é mamãe!”, “Parabéns!”. Mesmo com tais interrogações e comentários, nos diziam que ela permanecia em silêncio. Finalmente, nos foi dito que certo dia relatou ao seu psiquiatra: “o dia do nascimento do bebê foi o dia da minha morte” (SIC). Tal frase levou o psiquiatra a fazer o encaminhamento para o serviço de Psicologia.

Quando nos encontramos com Ane, sua questão distava léguas das preocupações da equipe, nos fazendo levantar a hipótese de que tudo o que tinha vivido no hospital levava a uma mudança radical em seu estado. Se nos apresentou como sendo a “Xuxa, a rainha dos baixinhos”. Tal identificação não colocava dúvidas sobre seu estado delirante. Mas como já dizia Freud quando escrevia o caso Schreber, *“a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, a reconstrução”* (FREUD, 1911/1992, p. 65).

Não só a formação delirante indicava uma tentativa de restabelecimento, como também, de acordo com a “Perda da realidade na neurose e na psicose” (FREUD, 1924a/1972), a ideia delirante se substitui à realidade porque esta é tão insuportável que passa a ser negada, então é importante levantar a questão: o que teria sido tão insuportável para Ane a ponto de levá-la a construir um delírio no qual já não é mais ela própria, mas outra: A mulher (?), rainha dos baixinhos?

Com o desenvolvimento da pesquisa, a supervisão nos permitiu avaliar que a hipótese sobre a relação entre a maternidade e o desencadeamento da psicose não se sustentava. Fato este confirmado quando anos após os atendimentos realizados, retornamos ao hospital para coleta de dados do prontuário da paciente, com o objetivo de maiores informações para a nossa pesquisa de mestrado. Coincidentemente, fomos informados de que a paciente estava internada na instituição e, sob autorização dos chefes do serviço, tivemos uma entrevista com a irmã da paciente, que nos forneceu novas informações, que retificaram até mesmo nossa hipótese inicial.

A sua irmã esclareceu que o desencadeamento da psicose de Ane ocorreu na adolescência, época referente à escola, em que a paciente começou a namorar, fazer amizades e também ingerir bebidas alcoólicas. Foi realizado um tratamento em sua cidade natal até a estabilização de Ane, no entanto, desde então, “Ane nunca mais foi a mesma” (SIC).

Após a primeira gravidez, de fato, ocorreu a apresentação de uma confusão mental mais intensa, acarretando na internação da paciente. A mesma confusão ocorreu durante a segunda gravidez, resultando em uma longa internação psiquiátrica. Por conseguinte, Ane foi submetida a várias internações, principalmente após a morte de sua mãe, que lhe auxiliava com a criação de sua primeira filha. O segundo filho é criado pela família do pai da criança.

Sobre o exercício da maternidade, o relato “O dia do nascimento de meu filho foi o de minha morte” demonstra não só que “quando o objeto não é chamado como complementação da falta fálica, quando é apenas o duplo especular do sujeito, ele funciona por exclusão e se torna, para o sujeito, sinônimo de morte” (SOLER, 2007, p. 191), mas também que foi separada do filho em função de suas internações, de seu diagnóstico de esquizofrenia.

Morta por se deparar com o fato de não ser sujeito do desejo, morta-viva então, mas morta também como mãe. De nenhuma forma haveria como se situar como sujeito – sempre referido a um dos lados das fórmulas quânticas da sexuação. Lhe restava somente uma saída: acreditar-se A Mulher, ser inumano, o que então constrói como delírio: sou a Xuxa. O interessante nesse caso, para além disso, é que Ane pode encontrar em seu próprio empuxo-à-Mulher Xuxa, uma outra solução de compromisso: Xuxa não é somente A mulher para ela, é também a Rainha dos baixinhos, dos baixinhos que foram tirados de Ane em função de seu diagnóstico de esquizofrenia.

#### 4. O caso Aimée e o gozo do materno

Lacan situa o começo da sintomatologia psicótica da paciente aos vinte e oito anos: “casada há quatro anos, empregada no mesmo escritório que seu marido, ela está grávida na ocasião” (LACAN, 1932/1987, p. 155). Aimée pressente ser o foco da observação e de críticas desagradáveis de seus colegas; as pessoas na rua sussurram a seu respeito; e os jornais publicam matérias contra ela. Com esses acontecimentos, ela confessa a si mesma: “Por que fazem isso comigo? Eles querem a morte de meu filho. Se essa criança não viver, eles serão responsáveis (LACAN, 1932/1987, p. 156).

Pontua-se, ainda, o tom depressivo: “Durante meus períodos de gravidez eu estava triste, meu marido me censurava por minhas melancolias, as desavenças surgiram e ele dizia que tinha ressentimentos por eu ter saído com um outro antes de conhecê-lo. Isso me desagradou muito” (AIMÉE apud LACAN, 1932/1987, p. 156).

Quando dá luz a uma menina natimorta, por conta de uma asfixia circular de cordão, uma grande confusão se instala na paciente. Ela atribui a desgraça a seus inimigos. Lacan destaca, neste momento, o início de uma cristalização hostil, pois quando uma amiga íntima da época, *C. de La N.*, telefona pouco após o parto para saber notícias, Aimée concentra a responsabilidade do acontecido nessa mulher.

Tais fatos nos fazem lançar a hipótese de que, ao que tudo indica, a psicose de Aimée se desencadeia por ocasião de sua primeira gravidez, pois, como nos adverte Lacan (1957-58/1998, p. 584), “que se procure no início da psicose essa conjuntura dramática. Que ela se apresente, para a mulher que acaba de dar à luz, na figura de seu marido” (LACAN, 1957-58/1998, p. 584).

O curioso, ao aprofundar a história do caso, é verificar que desde quando Aimée se sente perseguida, ela responde a si mesma: “eles querem a morte de meu filho”. Ao deparar-se com a criança morta, uma grande confusão se instala. A partir da apresentação de Didier Anzieu, em 1986, como “filho de Aimée”, revelou-se a identidade da mesma. Hoje sabemos que Aimée chamava-se Marguerite. Sobre esse nome, identificamos que a paciente recebeu o mesmo nome de uma irmã morta.

A morte dessa irmã se deveu a “um acidente trágico, ela caiu, na frente de sua mãe, na boca de uma lareira e rapidamente morreu em decorrência de queimaduras graves” (LACAN, 1932/1987, p. 172). Questionamos, portanto, até que ponto a morte da primeira filha de Aimée faz eco àquela primeira criança, sua irmã, que foi morta queimada?

Se antes mesmo do fato de sua filha nascer morta, algo já remeteu à Aimée que “eles querem a morte do meu filho”, não teria essa morte por asfixia de cordão circular sido desencadeante? Essa hipótese centralizaria a morte de sua primeira filha no desencadeamento da psicose, isto é, como ocorrida durante a maternidade e não por conta da maternidade.

Por conseguinte, em 1923, uma segunda gravidez “acarreta a volta de um estado depressivo, de uma ansiedade, de interpretações análogas” (LACAN, 1932/1987, p. 156). Dessa vez, Aimée depara-se com a situação de ser mãe levada a bom termo: “ela se dedica à criança com um ardor apaixonado, ninguém mais vai cuidar dela até os cinco meses” (LACAN, 1932/1987, p. 156).

No entanto, longe de invocar a simpatia que uma mãe desperta ao defender seu filho, Aimée passa a manter com seu bebê uma relação muito particular. Durante a amamentação, ela se torna mais interpretante, hostil a todos. “Todos ameaçam seu filho. Ela provoca um incidente com motoristas que teriam passado perto demais do carrinho do bebê. Causa diversos escândalos com os vizinhos. Ela quer levar o caso à justiça” (LACAN, 1932/1987, p. 157).

A situação culmina em a criança ser encontrada “ora empanturrada, ora esquecida pela mãe, por exemplo, lambendo graxa de seu carrinho” (MELO, 2002, p. 108). O seu marido é informado do seu pedido de demissão do emprego e da solicitação de um passaporte para os Estados Unidos, pretendendo fazer uso de um documento falso para apresentar a autorização marital. Aimée tinha como objetivo fugir dos perseguidores que ameaçavam o seu filho. Desse modo, a paciente mantém uma relação tão particular com o seu filho, – em temor perpétuo e iminente do atentado o qual iria atingi-lo – que o seu marido precisou intervir para proteger o seu filho da loucura de sua mãe. Decidem interná-la em um asilo particular. Ela recebe o diagnóstico de delírio de interpretação.

Ao que tudo indica, é “por não poder revestir o filho com o brilho fálico do desejo inconsciente, que Aimée vivia em temor perpétuo do atentado iminente (POLLO, 2002, p. 100), pois se a significação do filho é fálica na medida em que toda significação é referida ao falo, na psicose, a zerificação do falo compromete, necessariamente, a significação do filho.

O que quer dizer ser mãe? Nos parece que por mais que uma mulher porte um filho durante certo tempo em seu ventre e dê a luz a esse filho, isso não conclui a noção do que é ser mãe. Eis o motivo pelo qual Freud desenvolveu a relação entre maternidade e atribuição fálica em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924).

Na psicose, contudo, a maternidade não poderia ser analisada da mesma forma por conta da *Verwerfung* do falo, decorrente da foraclusão do significante edípico, o Nome-do-Pai, que não está inscrito no simbólico. Conforme os desenvolvimentos de Lacan (1958) entre o Esquema R e o Esquema I, quando P é zero, o falo ( $\phi$ ), necessariamente também é zero, portanto, inexistente a referência simbólica ao falo. A falta dessa inscrição compromete o reconhecimento da diferença sexual e acarreta a entrada em jogo de uma outra modalidade de exercício da maternidade, ainda pouco comentada e investigada.

Aimée enquanto mãe mantém com o seu bebê uma relação tão particular que a família precisa intervir para proteger o filho da loucura de sua mãe, mostrando o quanto “certas psicoses seriam, portanto, uma via privilegiada de acesso ao gozo do materno fora de toda nomeação, o qual expressa a impossível legitimação do filho como atributo fálico ou herança paterna” (POLLO, 2002, p. 101). Existe uma diferença entre o não-todo fálico, próprio da sexualidade feminina que se excetua da referência fálica, visto nas fórmulas da sexuação, e o fora-da-norma-fálica, em que se presentifica a impossibilidade da inscrição do falo.

Tanto Aimée e Ane quanto Schreber, quando colocados diante de uma situação em que lhes é exigida uma posição fálica, respectivamente a maternidade e a assunção da presidência, demonstram uma impossibilidade de assumir tal posicionamento. O interessante a se observar é que no caso Aimée, ao se ver com o rebento da procriação nos braços, a atividade delirante fica tão grande que ela nem mais pode cuidar do filho, período em que há um franco desencadeamento da psicose, a ponto de ser internada. Em Schreber, a atividade delirante em torno de sua posição de mulher de Deus e, por ele fecundado para a procriação de uma nova geração de homens, é justamente o momento em que sua psicose encontra um momento de equilíbrio.

Lacan (1975), observou no discurso proferido na Universidade Americana de Yale:

A chamada sexualidade fundamental de Freud consiste em observar que o que tem a ver com o sexo é sempre mal-sucedido. É a base e o princípio da própria ideia de fiasco. O próprio fracasso pode ser definido como o que é sexual em todo ato humano. É por isso que há tantos atos falhos. Freud indicou, perfeitamente, que um ato falho

sempre tem a ver com sexo. O ato falho por excelência é precisamente o ato sexual. Um dos dois está sempre insatisfeito. É preciso dizer a verdade afinal de contas. E é disso que sempre as pessoas falam.

O andamento do trabalho nos leva a circular a questão da (não) sexuação na psicose. A sexualidade carrega consigo seus próprios impasses, basta ler Freud para se dar conta disso. No entanto, na psicose, caminhamos alguns passos ao averiguar que o homem não existe. A questão sobre a mulher – *o que é uma mulher?* – expõe um furo, o qual além de aproximar-se da questão histórica, pontua o que está em jogo na psicose.

Na histeria, questionar *o que quer uma mulher?* significa situar a pergunta no nível do desejo e “todos sabem que situar a pergunta no nível do desejo, para a mulher, é interrogar a histórica. [...] O que a histórica quer é um mestre” (LACAN, 1969-70/1992, p. 122). E na psicose? O que pode ser dito sobre o empuxo-à-mulher?

## Considerações Finais

Sustentamos um esclarecimento, ao menos parcial, sobre a discussão da maternidade na psicose quando detectamos que, por condições estruturais, ela contradiz a teoria da maternidade descrita por Freud através da equação simbólica falo-filho. Tal afirmativa chega a ser redundante por estarmos avisados de uma diferença radical entre neurose e psicose. No entanto, atentos à pesquisa, não podemos deixar de destacar o quanto a discussão circula acerca de um impasse característico da psicose: a zerificação da referência simbólica ao falo.

O caráter notavelmente pertinente dessa observação sobre a zerificação do falo está ligado ao fato de que fez-se necessário analisar o lugar do filho para uma mãe psicótica. No primeiro capítulo, *O inconsciente e a sexualidade*, percorremos uma revisão referente à inscrição da metáfora paterna e a consequente inserção do sujeito na função fálica. A partir das elaborações teóricas a respeito da sexualidade feminina, a tese freudiana da equação simbólica falo-filho e a hipótese criada através das fórmulas da sexuação de Lacan – segundo a qual a mulher, enquanto mãe, localiza-se do lado homem, regido pelo falo, lugar do sujeito do desejo –, nos levou a considerar, neste capítulo, uma estreita relação entre maternidade e atribuição fálica.

Após verificarmos a função do significante no inconsciente, desenvolvemos no segundo capítulo, *O inconsciente a céu aberto*, que a falta de referência ao significante do falo, decorrente da forclusão do significante Nome-do-Pai, não só compromete o reconhecimento da diferença sexual, fato observado no caso Schreber, da mesma maneira que não deixa de ter consequências na resposta do sujeito no nível da paternidade e da maternidade.

A discussão foi realizada de tal modo que tornou-se indispensável nos questionar como uma mulher psicótica, *fora-da-norma-fálica*, viveria a maternidade – tarefa do nosso terceiro capítulo, *A maternidade na psicose*. A questão *o que é um filho para uma mãe psicótica?* expõe uma complexidade a qual, a rigor, uma resposta plausível só pode ser dada a partir do caso a caso. Seria ilusório, ao considerarmos a experiência psicanalítica, acreditar que poderíamos estipular uma resposta geral para a questão formulada. Entretanto, o fato de não haver respostas unívocas para a nossa interrogação não nos impediu de avançar na pesquisa, aliás, serviu como uma espécie de bússola para o trabalho.

A investigação revelou que a forclusão impossibilita o acesso ao falo, forma de dizer que *não existe o homem na psicose* e qualquer aproximação ao lado homem não ocorre senão por um mecanismo de compensação imaginária, o que inviabiliza a análise da maternidade na psicose enquanto atribuição fálica. É hora de admitirmos um dado importante, pois a maternidade pode muito mais comprometer o sujeito psicótico do que a falta de referência fálica impossibilita o exercício da maternidade. O falo é que é impossível ao psicótico, por não cessar de não se inscrever, não a maternidade. Se para ser mãe fosse preciso estar inscrito o falo, seria impossível ser mãe na psicose, mas não é o que a experiência psicanalítica revela.

Como exposto, de um lado, no caso Aimée, a paciente mantém uma relação tão particular com o seu filho – em temor perpétuo e iminente do atentado o qual iria atingi-lo –, que o seu marido e sua família precisaram intervir para proteger o seu filho da loucura de sua mãe, demonstrando o exercício da maternidade que associamos ao gozo do materno; de outro, o presidente Schreber nos mostrou claramente o quanto a procriação feminina pode ser um significante funcionando como metáfora delirante. Em aspectos gerais, a forclusão do significante Nome-do-Pai não impossibilita a maternidade, e sim põe a céu aberto toda uma outra modalidade de exercício da maternidade que não aquela que se refere à Lei do Pai.

Não resolvemos aqui a questão de saber sobre o efeito *sardônico* do psicótico quanto à sexuação, denominado por Lacan como *empuxo-à-mulher*, em seu texto *O aturdido* (1973/2007) – haveria no caso Ane e no caso Aimée empuxo-à-mulher? –, mas concluiremos com algo de novo que a pesquisa nos revelou: uma sutil, porém relevante, diferença teórica entre Freud e Lacan. Uma mulher neurótica, ao exercer a função materna, segundo as fórmulas da sexuação, situa-se no lugar do sujeito do desejo que busca do outro lado o objeto causa de seu desejo – tal como exposto por Lacan na aula de 21 de janeiro de 1975, em *O seminário, livro 22: R.S.I.*: “uma mulher se ocupa de outros objetos *a*, que são seus filhos” – bem ilustrado por Nominé (1997, p. 21):

$$\begin{array}{ccc} \underline{\text{Mãe}} & \Rightarrow & \underline{\text{Criança}} \\ \$ & & a \end{array}$$

Em *A significação do falo* (1958), averiguamos que toda significação é referida ao falo. Se a significação do filho é fálica, é devido ao fato de que na neurose, o objeto *a* pode ser significado falicamente.



$$\frac{-\phi}{a}$$

Na psicose, como exposto, não podemos falar em extração do objeto *a*. Segundo as operações lógicas de alienação e separação, em que ocorre a dupla causação do sujeito, apresentadas por Lacan em *O seminário: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, podemos ilustrar a extração do objeto *a*. A alienação corresponde ao campo no qual o sujeito está condenado a se ver surgir. Na separação, evidencia-se a queda de um objeto, o objeto *a*, descompletando o Outro.

Na estrutura psicótica, não ocorre essa separação e, conseqüentemente o objeto não cai. A falta de separação seria característica da psicose, com o não estabelecimento do desejo e da falta. A zerificação da referência simbólica ao falo e a não extração do objeto *a* na psicose, comprometem, necessariamente, a significação do filho, justamente por se tratar, a rigor, da relação com o objeto. Notamos com o estudo da maternidade na psicose que o filho, nem mesmo na neurose, é apenas o falo. Na *Bejahung*, na neurose, portanto, por conta da significação fálica, a criança pode ser o objeto de desejo para a mãe, o que nos faz atribuir sentido à construção teórica de Freud e de Ernest Jones, retomada por Lacan. No entanto, com Lacan pudemos ir mais longe, o filho é o objeto *a*, o que, em última instância, abre para discussão a tese freudiana da maternidade.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, S. Apresentação. In: ALBERTI, S. (org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizoide**. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. A perversão, o desejo e a pulsão. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n. 2, set. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 24 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na disciplina Questões da clínica psicanalítica II, durante o período de Agosto a Dezembro de 2011.

BEER, M. Psychosis: A history of the concept. In: **Comprehensive Psychiatry**. Vol. 37, p. 273-291, 1996.

ALLOUCH, J. **Marguerite ou a "Aimée" de Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

CAMACHO, R et al. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. **Revista de Psiquiatria Clínica**: São Paulo, USP, Ano 33, Vol. 03, p. 92-102, 2006).

CARNEIRO RIBEIRO, M. **A neurose obsessiva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

CHAUDRON, L. H.; PIES, R.W. The relationship between postpartum psychosis and bipolar disorder: a review. *J Clin Psychiatry*, 64 (11): p. 1284-1292, 2003.

COUTINHO JORGE, M. A Pulsão de Morte. In: **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte: Círculo Brasileiro de Psicanálise, n° 26, p. 23-29, Outubro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. O amor é o que vem em suplência à inexistência. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte: Círculo Brasileiro de Psicanálise, Março, 2008b.

DEUTSCH, H., "Un type de pseudo-affectivité ("comme si")" (1934). **Les "comme si" et autres textes** (1933-1970). Paris: Seuil, 2007.

\_\_\_\_\_, "Quelques formes de troubles affectifs et leur relation à La schizophrénie" (1942). **Les "comme si" et autres textes** (1933-1970). Paris: Seuil, 2007.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. Psicanálise: clínica & pesquisa. In: ALBERTI, S; ELIA, L. (org). **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

EY, H; BERNARD, P; BRISSET, CH. **Tratado de Psiquiatría**. Barcelona: Toray-Masson Ed, 1969.

FEUCHTERSLEBEN, E von. **Lehrbuch der Ärztlichen Seelenkunde**. Vienna, Austria: Gerold, 1845.

FREUD, S. (1894). Las neuropsicosis de defesa. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1895a). Manuscrito H: Paranoia. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1895b). Proyecto de psicología. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1896). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1900). La interpretación de los sueños (segunda parte). In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. V. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1901). Psicopatología de la vida cotidiana. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. VI. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1909). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. X. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1911). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1912a). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II). In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XI. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1912b). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In: FREUD, S. **Obras Completas** vol.XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1912c). Sobre la dinàmica de trasferencia. In: FREUD, S. **Obras Completas** vol.XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1913). Tótem y tabú. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1914). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1915a). Lo inconciente. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1915b). Pulsiones y destiones de pulsión. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1920). Más allá del principio de placer. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1923). El yo y el ello. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1924a). Der Realitätsverlust in Neurose und Psychose. In: FREUD, S. **Studienausgabe**. Frankfurt a.M., S.Fischer, V. III, 1972.

\_\_\_\_\_. (1924b). Neurosis y psicosis. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1924c). El seputamiento del complejo de Edipo. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1924d). Breve informe sobre el psicoanálisis. FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1925a). La negación. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1925a). Die Verneinung. FREUD, S. **Studienausgabe**. Frankfurt a.M., S.Fischer, V. III, 1972.

\_\_\_\_\_. (1925b). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1929-30). **O Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- \_\_\_\_\_. (1931). Sobre la sexualidad femenina. In: **Obras Completas**. Vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.
- \_\_\_\_\_. (1933). 33ª conferencia: La feminidad. IN: **Obras Completas**. Vol. XXII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1938a). Esquema del psicoanálisis. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1938b). La escisión del yo en el proceso defensivo. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- FUKS, B. **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- GAARDER, J. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GARCIA ROSA, L. **Introdução à metapsicologia freudiana**, vol. 02: a interpretação do sonho (1900). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.
- HYPOLITE, J. **Ensaio de psicanálise e filosofia**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1989.
- HUYGENS, C. **Traité de la lumiere**. Leiden, Netherlands: Pieter van der Aa, 1690.
- JULIEN, P. **As psicoses: um estudo sobre a paranoia comum**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O Retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- LACAN, J. (1932). **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1955-56). O Seminário, Livro 03: **As Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1956-57). O Seminário, livro 04: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1957-58). O Seminário, livro 05: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1959-60). O Seminário, livro 07: **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

- \_\_\_\_\_. (1964). O Seminário, livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1967). **Pequeno discurso aos psiquiatras**, 10 de novembro de 1967. Inédito.
- \_\_\_\_\_. (1969-70). O seminário, livro 17: **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1972-73). O seminário, livro 20: **Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1974-75). O seminário, livro 22: **R.S.I.** Inédito.
- \_\_\_\_\_. (1975-76). O seminário, livro 23: **O sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LISPECTOR, C. (1943). **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1977). **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MALEVAL, J-C. **Locuras histéricas y psicosis dissociativas**. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- MASSON, J. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MAURANO, D. **A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.
- MELO, R. O caso Aimée ou a paranoia de autopunição. In: QUINET, A. (org.). **Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2002.
- POLLO, V. **A cicatriz do trauma**. Pulsional. São Paulo: Ano XIX, nº 186, p. 49-55, 2006.
- \_\_\_\_\_. A paranoia e o saber. In: QUINET, A. (org.). **Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2002.
- \_\_\_\_\_. Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na disciplina Teoria Psicanalítica II, durante o período de Março a Julho de 2009.

QUINET, A. Apresentação. In: QUINET, A. (org.). **Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

\_\_\_\_\_. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2012.

RABINOVICH, D. Uma leitura de *A significação do falo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

SAFOUAN, M. **Estruturalismo e Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. **A sexualidade feminina na doutrina freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1977.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

STACHEL, J. **O ano miraculoso de Einstein**: cinco artigos que mudaram a face da física. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

VILLELA DIAS, M. Le sinthome. In: **Ágora**. Rio de Janeiro: Vol. IX, nº 1, p. 91-101, Jun/Jul, 2006.